

revista



EU



Lírico

mensal | maio de 2022 | nº 11 | ano 28 | ISSN 2179907-5 | 00326 | 9 772179 907008

[/sescrevistae](#) [sescsp.org.br/revistae](#) [revista@sescsp.org.br](#)

Distribuição gratuita | Venda proibida



REPENSAR O TURISMO | A ARTE DE BRINCAR | VESTIR A CENA | MARIA FIRMINA DOS REIS | AMAZÔNIA VIVA | DENISE STOKLOS | MULHERES INDÍGENAS NA LITERATURA | JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA | ADRIANA BARBOSA | ROBERTA OLIVEIRA DOS SANTOS



Dia do Desafio

25 DE MAIO DE 2022

**Ocupar espaços
e reunir pessoas**

**Quebre a rotina, reúna a
comunidade, ocupe espaços na
cidade, pratique atividade física
e junte-se a nós neste desafio
coletivo para o bem-estar.**

**Confira a programação
nas Unidades do Sesc:**

www.sescsp.org.br/diadodesafio

 /odiadodesafio





Impressa em estêncil numa das paredes do JAMAC – Jardim Miriam Arte Clube – a imagem que ilustra a capa da **Revista E** de maio foi produzida, em 2017, pelos artistas que compõem o coletivo fundado há quase duas décadas pela pintora, desenhista e gravadora Mônica Nador. O espaço cultural, sediado na zona sul de SP, tem o objetivo de construir processos de formação que estimulem encontros entre arte e vida, estética e política, por meio de oficinas continuadas de estêncil, serigrafia, yoga e cinema. Em cartaz no Sesc Santo Amaro até 29 de julho, a mostra *blz | ocupação Mônica Nador + JAMAC* celebra a potência artístico-social do centro cultural do Jardim Miriam com pinturas em tecidos e uma série de atividades práticas nos próximos meses. Saiba mais sobre a exposição em:

<https://www.sescsp.org.br/programacao/blz-ocupacao-monica-nador-jamac/>

Você também pode ler a **Revista E** em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

[App Store](#) [Google Play](#)

Download gratuito para Android e iOS

Uma sociedade melhor para todos

O mês de maio marca o Dia do Trabalhador, data em que se celebra o esforço, a dedicação e o comprometimento de homens e mulheres que fazem girar a economia do país nas mais diversas frentes de atuação. Sabemos que no Brasil de hoje o setor de comércio e serviços é o responsável pelo maior número de postos de trabalho, sendo o maior ramo econômico, com uma participação que alcança 70% do Produto Interno Bruto (PIB). O Sesc – Serviço Social do Comércio foi criado em 1946 pelo empresariado desse setor com a missão de proporcionar bem-estar aos trabalhadores, a seus familiares, bem como a toda a comunidade, oferecendo uma ampla programação nos campos da cultura, do lazer, dos esportes, do turismo, da saúde e da alimentação.

Trata-se de um compromisso assumido pelos mantenedores da entidade para valorizar o tempo livre desses profissionais e de toda a população, por meio de atividades artísticas, cursos, vivências, práticas físicas e esportivas, alimentação saudável e saborosa, viagens e passeios que ampliem as visões de mundo, as relações interpessoais e que proporcionem qualidade de vida.

Ao investir esforços e recursos para a realização desse projeto emancipador, o empresariado reafirma seu compromisso permanente com a construção de uma sociedade melhor para todos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Viajar é preciso

O que nos move a sair do lugar em que moramos para conhecer outras cidades, culturas e paisagens? O desejo de experimentar diferentes formas de viver. A curiosidade de descobrir novos sabores, aromas, formas e cores. A necessidade de perceber-se a partir do contato com o outro e, assim, descobrir-se como parte de um mundo múltiplo e diverso. A atividade turística proporciona novas formas de enxergar, de conhecer e de interagir, ampliando o repertório sobre as diversas realidades do planeta. Uma prática que vem sendo aprimorada nas últimas décadas, com o chamado Turismo Social.

O conceito traz novos parâmetros para esse campo, tais como o respeito e o protagonismo dos que se envolvem com a prática turística; a busca do menor impacto ambiental possível; o entendimento de seu potencial educativo e a conscientização acerca de direitos e responsabilidades. Reportagem desta edição da *Revista E* aborda o assunto e traz dados e reflexões sobre um dos setores mais afetados pela pandemia de Covid-19, mas que já começa a ver a retomada de suas atividades.

Na *Entrevista*, a atriz e diretora Denise Stoklos fala sobre o processo criativo na montagem do espetáculo *Abjeto-Sujeito*, que conta com textos de Clarice Lispector e música de Elis Regina. E ainda: *Depoimento* do fotógrafo Sebastião Salgado; *Encontros* com a gestora Adriana Barbosa, criadora da Feira Preta; e *Perfil* da escritora Maria Firmina dos Reis. Boa leitura!

DANILO SANTOS DE MIRANDA

Diretor do Sesc São Paulo

CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO

Presidente: Abram Abe Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda

Efetivos:
Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterli Martinez

Suplentes:
Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Efetivos:
Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano
Suplentes:
Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho

CONSELHO EDITORIAL

Revista E
Adriane da Silva Ribeiro, Adriano Ladeira Vannucchi, Adriele Duran Silva, Aline Ribenboim, Amanda Prado de Oliveira, Ana Cristina Feitosa de Pinho, Ana Lúcia de la Vega, Ana Paula Fraay Moyses Henriques, André Luiz Santos Silva, Andrea de Oliveira Rodrigues, Angélica Aparecida Ferreira, Barbara Caroline da Silva Ramos de Freitas, Bruno Rafael de Camargo, Carlos Daniel Dereste, Cinthya De Rezende Martins, Clara Paiva de Oliveira, Clóvis Ribeiro de Carvalho, Daniela da Costa Matsuda, Danny Abensur, Denise Rosa Marcelino, Diego da Silva Oliveira, Diego Polezel Zebele, Dulci da Conceição Lima, Edison Eugenio de Moraes Junior, Eduardo Santana Freitas, Elói de Paula Cipriano, Estevão Denis Silveira, Fernanda de Freitas Gonçalves, Fernanda Porta Nova Ferreira da Silva, Fernando Oliveira Viana, Flavia Lopes Marques, Geraldo Cruz e Silva Neto, Geraldo Soares Ramos Júnior, Giovanna Pezzuoli Mazzza, Gislene Lopes Oliveira, Guilherme de Sousa Oliveira, Ieda Resende, Irene Vitoria Caldeira de Souza, Ivan Lucas Araújo Rolfsen, Ivanildo Rodrigues da Hora, Ivy Berilleti José de Souza, Jade Stella Martins, Jaderson Johnnatt Porto, José Gonçalves da Silva Junior, José Mauricio Rodrigues Lima, Jucimara Serra, Julia Parpulov Augusto dos Santos, Juliana Okuda Campaneli, Karen Cristine Pimentel dos Santos, Kelly Adriano de Oliveira, Laura Lopes de Freitas, Lidiâne de Jesus, Lívia Maria Brihi Badur, Lucy Mary Rego N. Franco, Marcel Antonio Verrumo, Marcos Ribeiro de Carvalho, Maria Claudia Novaes Curtolo, Mariana Lins Prado, Marina Maria Magalhães, Marina Ramos Tozoni Reis, Marina Tamy Asoo, Monique Mendonça dos Santos, Paulo H. Souza Cavalcante, Rafael Lima Peixoto, Rafaela Ometto Berto, Rejane Pereira da Silva, Renata Barros da Silva, Ricardo Carrero da Costa, Ricardo Lemos Antunes Ribeiro, Ronaldo Domingues de Araujo, Rosana Abrunhosa de Souza, Sara Regina Centofante, Sílvia Cristina Garcia, Simone Oliveira dos Santos, Thais Ferreira Rodrigues, Ueliton dos Santos Alves.

Coordenação Geral: Ivan Paulo Giannini
Editora Executiva: Adriana Reis Paulics • **Direção de Arte e Diagramação:** Ariane Ramos de Azevedo • **Ilustrações:** Luyse Costa • **Edição de Textos:** Adriana Reis Paulics e Maria Julia Lledó • **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Luna D'Alama, Manuela Ferreira e Maria Julia Lledó • **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho • **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis Paulics, Guilherme Barreto e Marina Pereira • **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro • **Arte de Anúncios:** José Gonçalves Júnior e Nilton Andrade Bergamini • **Supervisão Gráfica:** Rogério Ianelli • **Finalização:** Ariane Ramos de Azevedo • **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fraay • **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

Jornalista Responsável: Adriana Reis Paulics MTB 37.488
A *Revista E* é uma publicação do **Sesc São Paulo** sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.
Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Esta publicação está disponível no site:
sescsp.org.br

SUMÁRIO

20



TURISMO

Novos mapas e experiências mais próximas da diversidade cultural local fomentam ações para REPENSAR O TURISMO

12



ENTREVISTA

A diretora, atriz e dramaturga DENISE STOKLOS fala sobre novo espetáculo com textos de Clarice Lispector, longevidade em cena e relação com o público

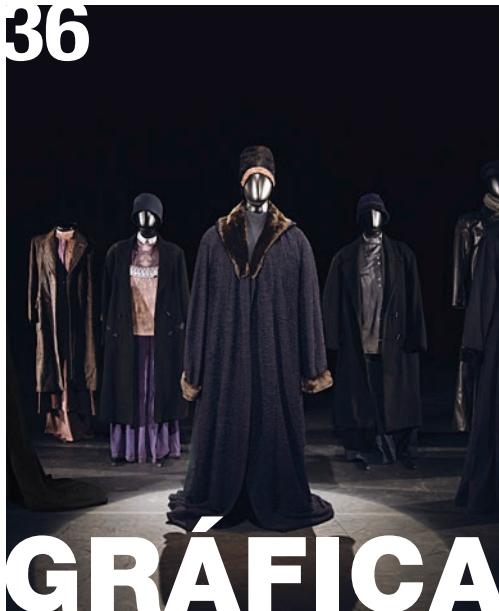
30



Wai Pavao

PERFIL

A vanguarda e a resistência na vida e na obra de MARIA FIRMINA DOS REIS, primeira autora negra brasileira

36

GRÁFICA

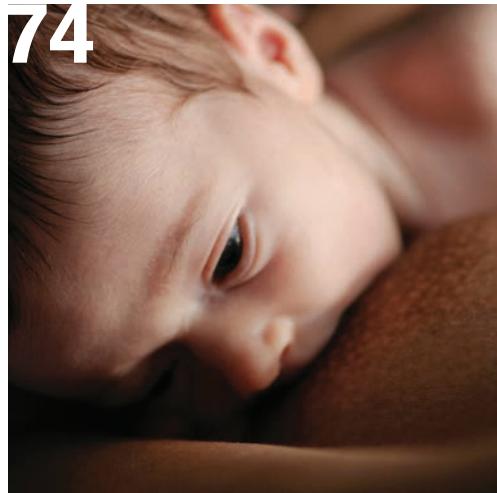
Restauro e catalogação do acervo de figurinos de espetáculos do CPT_SESC preservam legado do diretor Antunes Filho e a memória do teatro brasileiro

Figurinos do espetáculo *Fragmentos*, Teatros, 1989 / Foto: Rio Sônia

50

CRIANÇAS

Conjugar o VERBO BRINCAR amplia o universo de lazer, socialização, aprendizado e bem-viver da infância

74

ALMANAQUE PAULISTANO

No mês em que se celebra o Dia das Mães, conheça iniciativas, programações e aplicativos que formam uma rede de apoio às cuidadoras e seus bebês

FreePK / created by javi_linday

9 DOSSIÊ

54 EM PAUTA
MULHERES INDÍGENAS NA LITERATURA

60 ENCONTROS
ADRIANA BARBOSA

66 DEPOIMENTO
SEBASTIÃO SALGADO

70 INÉDITOS
JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

78 P.S.
ROBERTA OLIVEIRA DOS SANTOS



Nice Moreira
Trabalha no setor de comércio

Ela e seus dependentes são alunos
de Ginástica Multifuncional
do Sesc Belenzinho



Acesse e saiba como
fazer a sua Credencial Plena



www.sescsp.org.br/credencialplena

Com a Credencial, você e sua família terão
acesso prioritário a todas as atividades do
Sesc em todo o Brasil.

Faça como a Nice! Se você trabalha na
área do comércio de bens, serviços ou
turismo, você tem direito à **Credencial Plena**
do Sesc, gratuitamente.



Foto: Alexandre Sanoré

Cena da série documental *Monumentos*, que estreia neste mês no SescTV

ENTRE MONUMENTOS E MEMÓRIAS

SESCTV ESTREIA SÉRIE DOCUMENTAL SOBRE BENS CULTURAIS QUE PRESERVAM A HISTÓRIA PARA A CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Ao contrário do que se diz, o Brasil não é um país sem memória. Monumentos que estão espalhados pelo país são bens culturais que nos fazem lembrar a nossa história. A partir dessa premissa, o SescTV estreia, no dia 23/05, a série documental *Monumentos*, que busca aguçar o olhar e a sensibilidade do público para uma leitura de vestígios considerados referências. Ao todo, são 12 episódios, cada um com uma temática: “Monumento”, “Álbum de Fotografia”, “Patrimônio”, “Coleção”, “Ruína”, “Cópia”, “Restauro”, “Relíquia”, “Mausoléu”, “Saber”, “Língua” e “Vestígio”.

A série, de autoria de Lucília Siqueira e Paulo Pastorelo, propõe um contato sensível e crítico com bens culturais, além de fomentar a discussão sobre o que deve ser preservado e o que pode ser transformado do nosso patrimônio. *Monumentos* também conduz os espectadores a uma reflexão sobre modos de uso do passado para construção do futuro.

“O inventário que reflete a memória histórica e social de um país anda em consonância com as referências culturais de grupos sociais que escolhem diferentes vestígios do passado e elegem o que pode ser lembrado ou esquecido, como herança para as gerações [futuras]. Para uma instituição como o Sesc, consciente de seu papel de educação permanente, a série documental *Monumentos* representa a possibilidade de reflexão crítica a partir do contínuo fluxo histórico, que permite novas dimensões e leituras sobre identidade e memória”, explica Sidênia Freire, coordenadora de programação do SescTV.

A série estreia dia 23/05, às 20h, e terá reapresentações terças, às 11h; quartas, às 15h; quintas, às 21h; e aos domingos, às 19h. Também será possível assisti-la sob demanda: sesctv.org.br.

PARA UMA INSTITUIÇÃO
COMO O SESCI, CONSCIENTE
DE SEU PAPEL DE EDUCAÇÃO
PERMANENTE, A SÉRIE
DOCUMENTAL *MONUMENTOS*
REPRESENTA A POSSIBILIDADE
DE REFLEXÃO CRÍTICA A
PARTIR DO CONTÍNUO FLUXO
HISTÓRICO, QUE PERMITE
NOVAS DIMENSÕES E LEITURAS
SOBRE IDENTIDADE E MEMÓRIA

SIDÊNIA FREIRE,
coordenadora de programação do SescTV.

MUNDOS EM CONEXÃO

Realizada pelo Sesc Bertioga, a websérie documental *Diálogo entre dois mundos*, que estreou dia 08/04, apresenta os hábitos, os rituais, as danças, as plantas sagradas, as relações simbólicas, a medicina tradicional e a cosmovisão do povo Guarani. Permeada por conversas entre o documentarista Junior Castro, o historiador e fotógrafo Cadu de Castro e os nhanderuís (líderes espirituais) Egino Chaapeí e Vicente Karaí Xondaro, da Terra Indígena do Rio Silveira, no litoral paulista, a série é dividida em sete partes, cada uma lançada semanalmente nas redes sociais do Sesc Bertioga. [Assista ao trailer da websérie](#) e acompanhe as estreias dos episódios, toda sexta-feira até dia 20/05, nos canais do Sesc Bertioga no [Facebook](#), [Instagram](#) e [YouTube](#).



Foto Cadu de Castro



Divulgação

NOVIDADES MUSICAIS

O Selo Sesc lança, nos dias 21 e 22/05, o disco *Chama*, do percussionista Paulo Santos (ex-Uakti), em show no Sesc Avenida Paulista. Este novo trabalho já está disponível nas principais plataformas de streaming de música e no Sesc Digital desde 25 de março. Nele, instrumentos acústicos e manufaturados coexistem com sonoridades eletrônicas. Sábado, às 20h30, e domingo, às 17h30. Mais informações: sescsp.org.br/unidades/avenida-paulista.

CHORO DE ALEGRIA

Para celebrar os 125 anos do nascimento do maestro, instrumentista e compositor Pixinguinha (1897-1973), um dos maiores expoentes do choro brasileiro, o Sesc 24 de Maio realiza, até dia 20/05, o Projeto Choraco, com shows musicais e oficinas. Entre os espetáculos, destaque para a cantora Maria Alcina (8/05); o grupo paulistano Chorando as Pitangas (12 e 13/05), com participações dos Barbatuques e de Ricardo Herz; e o conjunto Época de Ouro (14 e 15/05), fundado na década de 1960, no Rio de Janeiro, por Jacob do Bandolim. De 17 a 20/05, ainda haverá oficinas gratuitas de violão de sete cordas, cavaquinho, pandeiro, bem como de linguagem e interpretação do choro para solistas. Para inscrições e programação completa, acesse:

www.sescsp.org.br/projeto/choraco

Foto: Murilo Alveso



Maria Alcina



Ricardo Herz

Foto: Gabriel Bojeac



Foto: Jennifer Glass

Entre Estragão (Marcelo Drummond) e Vladimir (Alexandre Borges), uma grande árvore seca brota no palco do teatro do Sesc Pompeia, simbolizando a contestação e a transmutação na montagem do Teatro Oficina para *Esperando Godot*, clássico de Samuel Beckett (1906-1989). A peça, que estreou no dia 30 de março, data do aniversário de 85 anos do diretor José Celso Martinez Corrêa, criador da Companhia Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, encerrou temporada em abril passado e entra em cartaz, neste mês, na sede da companhia, no bairro do Bixiga. No palco, reflexões sobre a inércia e os abismos que atravessam este momento da humanidade.

TEMPORADA DE DANÇA

Corpos em movimento dão a tônica da programação do Sesc Santana em maio, com a peça de dança *c h ãO*, que fica em cartaz de 6 a 15/05. O espetáculo é concebido e dirigido por Marcela Levi e Lucía Russo, e performado por seis bailarinos, que também assinam a cocriação. Inédito no Brasil, *c h ãO* estreou em Bruxelas (Bélgica), em julho de 2021, com sucesso de público e crítica. Sextas e sábados, às 21h, e domingos, às 18h. Saiba mais: sescsp.org.br/unidades/santana.



Foto: Renato Mangolin

ENTREVISTA

DENISE STOKLOS



ESSÊNCIA TEATRAL

DENISE STOKLOS CELEBRA O INDIZÍVEL DA CONDIÇÃO HUMANA
EM NOVO ESPETÁCULO COM TEXTOS DE CLARICE LISPECTOR
E CANÇÕES DE ELIS REGINA

Foi de um orelhão embaixo do prédio de Clarice Lispector, na capital fluminense, que uma jovem universitária nascida em Iraty (PR) ligou para pedir-lhe uma entrevista. A audaciosa garota em questão é Denise Stoklos, então, aos 17 anos, e esse curioso episódio se deu no final da década de 1960, quando cursava a Faculdade de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Esse acontecimento, somado a um adormecido desejo de encenar textos de Lispector, despertou na atriz, diretora e coreógrafa no ano do centenário da autora de *Perto do Coração Selvagem*. Junto ao dramaturgista Welington Andrade e ao diretor Elias Andreato, criou ***Abjeto-Sujeito: Clarice Lispector por Denise Stoklos***, que estreou e fez uma temporada entre os meses de março e abril no teatro do Sesc 24 de Maio. Esse espetáculo – costurado por canções consagradas na voz de Elis Regina – marca o retorno da artista solo-performer às apresentações presenciais depois de um período restrito ao ambiente online. “Assisti a inúmeras peças e tive muitos *insights* que são próprios do teatro. Adorava ver colegas fazendo seus melhores trabalhos, muitas vezes, nas suas casas, nas suas cozinhas e transformando aquilo no possível, num ato de resistência e de coragem”, conta. Premiada por dezenas de trabalhos realizados ao longo dos últimos 52 anos, Stoklos esculpiu sua carreira com as ferramentas do Teatro Essencial, linguagem que ela construiu e que dá prioridade máxima aos recursos do ator – voz, corpo, inteligência e intuição. Hoje, aos 71 anos, a artista segue em constante processo criativo, provocando reflexões no público a partir do movimento sutil das palavras e do corpo.

Como foi o processo de escolha dos textos de Clarice Lispector, e das músicas interpretadas por Elis Regina, para o espetáculo *Abjeto-Sujeito*?

Fui fazendo escolhas de textos da Clarice que me tocavam profunda e pessoalmente, e de músicas da Elis Regina que eu adoro e pelas quais tenho uma paixão enorme. Aliás, todos os meus espetáculos têm canções da Elis – já fiz um, especificamente, só com canções dela, coreografado [*Elis Regina, 1982*]. Para montar esse espetáculo [*Abjeto-Sujeito*], chamei alguns amigos em que confio muito, entre eles, Welington Andrade, que é dramaturgista, professor de literatura e diretor da Faculdade Cásper Líbero, o diretor Elias Andreato e a professora de literatura que, infelizmente, perdemos no ano passado, durante o processo, Sônia Régis, da PUC, que era até amiga pessoal da Clarice e conhecia profundamente sua obra. Mas todos eles me disseram que não estava legal do jeito que eu tinha feito, que estava faltando uma conexão, que estava muito solto tudo aquilo. Eu já tinha até decorado textos. Aí, desmontamos tudo, minha assistente Cristina Longo dizia: “Não é possível! Jogar tudo fora”. Daí nós começamos com uma consistência muito maior que foi esse olhar do Wellington que foi para o lado do abjeto-sujeito, de quando essas coisas, esses insetos são uma forma, uma maneira, um caminho de se chegar à individualidade, ao sujeito em si. Também deveria haver uma coerência na escolha das canções da Elis, por quem Wellington, assim como eu, também era enlouquecido. Começamos esse trabalho e quando ele estava praticamente pronto para estrear – chegamos a vir ao Teatro do Sesc 24 de Maio e ensaiar – estourou a pandemia. Tivemos que parar por dois anos e deixamos o espetáculo sem mexer. Até que, enfim, foi dada a partida de que nós poderíamos recomeçar. Aí, então, viemos e estamos realizando esta temporada em que as pessoas têm nos recebido muito bem.

A obra de Clarice Lispector é conhecida por ser densa. Você tributa a essa característica o interesse do público?

Esse é um espetáculo extremamente denso e acho que isso é importante neste momento pós-pandêmico, se é que podemos falar assim,

mas neste momento específico em que tantas coisas estão acontecendo: guerra na Ucrânia, a dificuldade do nosso governo nacional com a cultura e tudo mais. Neste momento bem sensível parece que a densidade é algo que as pessoas estão mais prontas [*para receber*] do que textos mais fáceis ou mais simples. Então, nós optamos por fazer um espetáculo em que o texto tem um tempo para ser absorvido. Ele não é jogado como uma coisa claramente decifrada. Ele é dado para que se tenha uma receptividade reflexiva sobre ele. Esse tempo todo, o Elias Andreato fez questão de trabalhar comigo para que eu não acelerasse nunca, porque nós todos estamos precisando desse tempo. Então, temos realizado assim e parece que as pessoas, realmente, têm essa busca porque elas têm vindo ao teatro e se relacionado de uma maneira muito bonita, muito receptiva.

Logo no começo do espetáculo, você conta o episódio em que conheceu a escritora, ainda na juventude. Como foi esse momento e quais livros conduziram você a esse encontro com Clarice Lispector?

Eu morava no Paraná e estava fazendo Jornalismo na Universidade Federal, também estudava Ciências Sociais na PUC e ainda fazia teatro. Eu era extremamente ativa aos 18 anos, com uma energia muito grande, e escrevia bastante. Quando me deparei com dois livros de Clarice: *A Legião Estrangeira* e, em seguida, *A Paixão Segundo G.H.*, tudo revirou. Foi aí que a literatura apareceu, de repente, como o grande espelho, o grande convexo das coisas, a grande identificação do indizível através da própria palavra. Essa contraposição que ela fazia de tocar naquilo tão sensível justamente com algo tão concreto como palavras e frases, isso me deslumbrou absolutamente. Eu fiquei siderada pelo universo dela e, então, conto na peça que tive a oportunidade de ir para o Rio e lá, busquei o endereço dela. Com aquela ousadia da idade, pedi uma entrevista para o meu jornalzinho da faculdade de Jornalismo e ela me recebeu. Mas ela me recebeu tão bem, que até hoje eu não me lembro de quase nada de tão transpassada que fiquei com a figura dela, com a generosidade dela por estar prestando atenção numa universitária de 18 anos, com tanta gente que poderia estar ali naquele

lugar, e me dando um tempo dela extremamente precioso, dentro do seu apartamento, me recebendo dentro de sua intimidade. Foi algo que acredito que construiu fundamentos que, sem dúvida, fazem parte da intimidade deste espetáculo, uma forma de reverência, não de superficialidade, porque ela não deixava que nada ficasse muito simples.

O tema “natureza humana” que a escritora traz e da qual trata em seus livros, você também traz em seu trabalho de escrita e na escolha de textos como solo-performer. Quais outros autores e autoras também se tornaram uma referência e norte em seus trabalhos?

Eu espero que tenha isso [*a matéria natureza humana*] em meu trabalho, porque é o mínimo que a Clarice merece: que esse espetáculo tenha fundamentos da Clarice Lispector naquilo que se toca dela. Que não fuja daquela cerimônia incrível com que ela trata o ser humano por sabê-lo tão especial, profundo e indecifrável. Há também outros escritores que já tive coragem de levar em cena como Jorge Luis Borges, quando montei a peça *Elogio* (1996), com meus dois filhos – Thais Stoklos, que

é artista plástica e tem feito todos os meus cenários, e Piatã Stoklos, pequenos ainda, com 15 e 17 anos –, com a cantora Cida Moreira e o ator, figurinista e cenógrafo Fábio Namatame. Nós fizemos essa peça baseada no livro *Elogio da Sombra*, de Borges, que é de um universo extremamente peculiar, aprofundado e que mexe com questões que todos nós tocamos e não sabemos dar nome. Trabalhei também com textos do Julio Cortázar em *Vendo gritos e palavras* (2015), um espetáculo em que havia várias menções a textos dele, até falar da poesia em si, da importância da poesia. Quis fazer uma homenagem à poesia que Cortázar nos trouxe e que, mesmo morando na França, é uma poesia tão latino-americana. Já tinha feito *Carta ao Pai* (2015), de Franz Kafka, que também mexe em questões difíceis da nossa natureza humana. Nesse caso, da relação de Kafka com o pai, para quem escreveu uma carta e nunca enviou, mas que o mundo inteiro leu. Em todas essas peças, eram utilizadas metáforas, mas no da Clarice não há metáfora. Nós usamos o texto dela limpo, cru, com a certeza de que o público está pronto e quer ouvir Clarice Lispector. Isso é uma coisa que se destaca nessas outras peças que mencionei, com textos de autores que me tocaram.

É MARAVILHOSO VIVER.
E VOU REPETIR AQUI A
RESPOSTA: PORQUE A
OUTRA OPÇÃO É AQUELA
DA QUAL NÃO SE PODE
VOLTAR NUNCA MAIS



Matheus José Maria

Como foi a experiência de produzir e assistir teatro online nos últimos dois anos de pandemia da Covid-19? Que reflexão você faz do digital como plataforma para esse encontro com o público, mesmo que não haja o teatro de fricção, situação que já disse em entrevistas como essencial?

Eu penso que foi extremamente válido e penso que havia, sim, fricção. Era o que nós tínhamos e nós buscávamos como espectadores. Eu assisti a inúmeras peças e tive muitos *insights* que são próprios do teatro. Adorava ver colegas fazendo seus melhores trabalhos, muitas vezes, nas suas casas, nas suas cozinhas e transformando aquilo no possível, num ato de resistência e de coragem. Acho muito rico e necessário e parabenizo a todos os que fizeram. Eu tive a graça de fazer pelo Sesc Pompeia *As Palavras Gestuais* [[assistir no canal do YouTube do Sesc São Paulo](#)], uma leitura de trechos de vários dos meus trabalhos, para a qual, no final, eu escrevi um texto especialmente valorizando as peças online, valorizando o fato de que as pessoas que estão em casa podem receber, ao menos, aquilo que elas não poderiam receber de outra forma.

Profissionais da área da saúde mental relataram os benefícios da fruição da arte ainda que restrita às plataformas. Como você vê esse papel da arte?

Eu sempre me recordo do que disse um professor de teatro da Bahia. Ele me contou que na Grécia Antiga, o teatro era considerado curativo. Simplesmente. As pessoas quando doentes iam a seus xamãs, recebiam suas poções, mas também lhes era recomendada a peça a que deveriam assistir para que ela impulsionasse sua cura. Porque ali, dentro daquela peça, estava alguma questão humana que lhe estava causando a doença. Então, isso me marcou demais e tanto para que eu nunca esquecesse que o teatro tem essa possibilidade da cura. E no teatro online isso aconteceu também do ponto de vista material: artistas e outros profissionais que trabalham com teatro puderam sobreviver. Enquanto na Alemanha, a ministra Angela Merkel estava distribuindo verba para que os artistas sobrevivessem durante a pandemia, aqui foi o contrário, houve uma insuficiência absoluta. Então, artistas também puderam ter no teatro online essa outra saída.

**EU NUNCA ME SINTO SOZINHA
NO PALCO (...) ESTOU COM CADA
UM QUE ESTÁ NO TEATRO**

No espetáculo *Abjeto-Sujeito*, você brinca que sua memória está falhando e que afinal, tem 71 anos. Como é seu diálogo com o passar do tempo, com o processo de envelhecimento?

Durante esse tempo em que a peça ficou suspensa, na pandemia, é claro que fiquei trabalhando em outros projetos porque o de Clarice também estava suspenso. Então, encontrei uma tese de Ricardo Aparecido Dias, professor de Osasco, em que ele fala de uma forma absolutamente genial, com um cuidado técnico, científico e humanista maravilhoso, sobre essa questão da idade. Ele mesmo tem um livro sobre idade, e já está com mais de 70 também. No livro, ele trata o envelhecimento de forma positiva, digamos. Fiz questão de mencionar isso na peça da Clarice, inclusive com o próprio nome dele em cena. Porque, sim: 71 anos nos dão toda a decrepitude corporal que acompanha o envelhecimento, que é natural, e dão, sim, uma experiência de vida no sentido de alguns discernimentos. Não acredito que você fique mais sábio, porque eu não me acho sábia, de jeito algum: cada vez eu me acho mais ingênua. Mas, eu tento acompanhar essa diferença imensa que há, por exemplo, entre a minha geração e a de meus filhos, que estão com 43 e 42 anos, e a das minhas netas, que estão com 10 e 13 anos, e que é outro mundo. Minhas netas são extremamente receptivas a tudo meu. Então, eu não vejo dentro do meu núcleo familiar separações por causa da idade. Tenho, talvez, a felicidade particular de não encontrar isso. E, por enquanto, não tem havido qualquer decrepitude que me impeça de fazer coisas. Naturalmente, isso acontecerá. Eu brinco, na peça, que fico com o texto na mão lendo porque não consigo mais decorar. Isso não é bem verdade. Eu não gosto muito de decorar, e isso é verdade. A gente resolveu isso como uma decisão do Elias Andreato e do Wellington Andrade: esse texto ficaria presente como um hipertexto.

E o que esse texto em papel representa em suas mãos?

Esse texto era a Clarice em cena, era a máquina de escrever dela. Era a barata, o ovo e tudo que se pode pegar de Clarice. Então, ela está ali presente como letra, escrita, datilografada e nós fizemos essa leitura de concretizar a encenação com o texto presente em cena. Isso evitou que eu tivesse que decorá-lo, algo de que eu não gosto. Gostaria que isso ficasse como uma mensagem: a todos que têm essa idade avançada ou que convivem com pessoas de idade avançada, não há nenhuma perturbação com a idade, além de se saber que o tempo está passando. E que bom, porque estamos vivos e conhecendo mais coisas, e tendo mais possibilidades e talvez mais reflexões profundas. Acho que essa é a função de todo aquele que vive muito tempo.

Seus filhos seguiram a carreira artística, com seu incentivo, e sua mãe também a encorajou a ser atriz, mesmo numa época em que havia muito preconceito com essa escolha. Como foi ter esse apoio familiar e apoiar os seus?

Meu pai era extremamente libertário. Eu não contei para ele, nem para minha mãe, que ia estrear minha primeira peça [em 1968] e à noite, eu recebo um telegrama: “Feliz estreia. Papai”. Quer dizer, meu pai do interior do Paraná viu num jornal, porque ele lia muito o jornal, e me mandou essa autorização. Todos os meus escritos, ele também guardava. Quando comecei a escrever, ele me deu uma máquina de escrever e um quartinho. Eu me fechava ali e me sentia a escritora: escrevia aos 15 anos para o jornalzinho da cidade. O editor foi um grande incentivador do meu trabalho e publicava tudo o que eu escrevia. Dizia: “O que não se publica não existe”. Havia uma responsabilidade, um compromisso político com aquilo do qual eu nunca mais me libertei. Estamos todos realizando um trabalho que nos transforma a todos e toca a cada um. Então, é importante que aquilo tenha algum dado de desenvolvimento, que aquilo traga algum desenvolvimento. Já minha mãe, ela era uma *performer* nata. Tudo que ela contava era uma piada, ela contava diversas vezes e a gente ria sempre. Aprendi com ela isso, essa coisa clownesca. Então,



Matheus José Maria

A LITERATURA APARECEU, DE REPENTE,
COMO O GRANDE ESPELHO, O GRANDE
CONVEXO DAS COISAS, A GRANDE
IDENTIFICAÇÃO DO INDIZÍVEL ATRAVÉS
DA PRÓPRIA PALAVRA

em casa sempre me davam muita força para eu fazer meus trabalhos. Minha mãe contava que eu chegava em casa da matinê, depois de assistir a filme de faroeste, e eu fazia o cavalo, o mocinho e o bandido, tudo ao mesmo tempo. Coisa que depois eu fui fazer no meu trabalho de solo-performance: vários personagens ao mesmo tempo. Como em *Mary Stuart* (1987), que foi uma peça importante na minha vida e que já começa com duas personagens que eu mesma fazia e que até se desdobravam em outras. Foi muito importante ter essa repercussão familiar. Hoje, minha neta de 13 anos já faz filmes, dirige e coloca a irmã como atriz. As duas se dedicam e fazem aula de teatro. É importante e necessário a gente ver e dar a essas pessoas que começam no teatro a noção de quanto elas são capazes de fazer o seu teatro do seu jeito. E que a sua personalidade é o teatro.

Já na escrita, você vivenciava o ato solitário da produção criativa, assim também é seu trabalho no palco, como solo-performance. Como é estar sozinha no palco ainda que interprete uma multidão de personagens?

A solidão no tablado pesa?

Não. Eu nunca me sinto sozinha no palco, principalmente por essa questão que falei, essa questão política. Porque cada um que está na plateia está ali para se ver, para pensar sobre aquilo que está acontecendo no palco e sair do teatro com uma possibilidade melhor sobre aquela experiência. Então, eu estou com cada um que está no teatro. Cada um está junto comigo. Não tem nenhum momento solitário. E essa última opção agora, dos 71 anos, nessa minha comemoração de maturidade, de chamar Wellington Andrade e Elias Andreato na direção, depois que fui dirigida pelo Antônio Abujamra, eu achava que nunca mais ia encontrar um diretor na minha vida que fizesse tanto sentido.

E, felizmente, as coisas são contínuas. O Elias é um diretor que me traz tudo que eu realmente preciso. Ele que me deu a marca final do espetáculo, o arremate e mil outras coisas. Ele é responsável por muitos acertos da peça. Os erros são todos meus.

Por fim, Denise, você leva ao palco uma pergunta recorrente de Clarice Lispector aos seus entrevistados, escritores como Lygia Fagundes Telles e a própria cantora Elis Regina, entre outros, para revistas entre as décadas de 1960 e 1970. Essa mesma pergunta, lhe devolvemos: é bom viver, apesar de tudo?

É maravilhoso viver. E vou repetir aqui a resposta: porque a outra opção é aquela da qual não se pode voltar nunca mais. Então, a vida é uma beleza. ■

*Assista ao espetáculo *As Palavras Gestuais*, de Denise Stoklos, no Sesc Pompeia, pela programação do #EmCasaComSesc, no canal do YouTube do Sesc São Paulo: <https://www.youtube.com/watch?v=-yklwb-X40g>.



Matheus José Maria



**Inscrições para
tratamento odontológico
18 a 25 de maio**

Faça a sua inscrição online na
Central de Relacionamento Digital
ou pelo aplicativo Credencial Sesc SP

Exclusivo para Credencial Plena

Saiba mais:

www.sescsp.org.br/odontologia



Que tal conhecer ou
reconhecer a cidade de
São Paulo por meio de
outros roteiros turísticos?

REPENSAR O TURISMO

A PARTIR DE NOVOS MAPAS E EXPERIÊNCIAS, É POSSÍVEL FRUIR ESSE MOMENTO DE LAZER E APRENDIZADO, FOMENTAR A ECONOMIA E VALORIZAR A DIVERSIDADE CULTURAL DE UMA REGIÃO

Dobrando a esquina de onde moramos, uma outra cidade se desvela à frente. Às vezes, basta tão somente caminhar e olhar com atenção para se deparar com outras narrativas. Como a que descobrimos em um percurso por bairros que guardam a história de cultura e de resistência da população negra na capital paulista. Ou quando ajustamos o GPS para entrar na rota dos lugares frequentados pelos modernistas da Semana de 1922. Vivências turísticas como essas vêm impulsionando um dos setores mais afetados pela pandemia de Covid-19. Nos últimos dois anos, quando o turismo de grandes deslocamentos e volumes de pessoas teve de ser interrompido, experimentamos outros modelos capazes de impulsionar a economia local e da comunidade onde vivemos, além de valorizar a diversidade cultural que existe em cada rincão de uma cidade.

A estimativa do Centro de Inteligência da Economia do Turismo – CIET, da Secretaria de Turismo do Estado de São Paulo, é de que a capital paulista tenha recebido, em 2020, 8,4 milhões de turistas domésticos e 623 mil turistas estrangeiros, o que indicaria queda de 39,6% no turismo nacional e 58,5% no turismo internacional. “Os últimos anos afetaram todo o cluster em quase todos os destinos. Em muitos locais, vimos impacto em diferentes níveis: desde a população mais vulnerável, em que a sobrevivência depende do turismo, que atua informalmente com artesanato, pesca ou comércio, até grandes redes hoteleiras, restaurantes e até mesmo as agências”, observa o consultor e gestor na área de Hospitalidade e Turismo Seguro Marcelo Boeger, vice-presidente da Associação Mundial de Turismo e Bem-estar.

Felizmente, complementa Boeger, o turismo voltou a crescer e já se aproxima dos patamares da pré-pandemia. Essa ascensão também é acompanhada por uma tendência global e local de um número crescente de pessoas interessadas em fazer turismo dentro da própria cidade. “Muitas vezes, as pessoas se sentem frustradas por não estarem em locais consagrados como polos turísticos, mas há uma grande riqueza cultural quando olhamos para nossa própria comunidade. Dessa forma, buscar saber mais sobre roteiros de alimentação, festas populares e locais de memória pode ser um mundo a ser descoberto. Grande parte das pessoas que participam das experiências histórico-culturais da agência Mulheres Viajantes mora em São Paulo e sente falta de saber mais sobre a própria cidade”, observa Thaís Carneiro, historiadora, guia de turismo e criadora da agência.

Essa tendência, inclusive, foi destacada no Relatório dos Impactos da Pandemia de Covid-19 no turismo da cidade de São Paulo – 2020. “As pessoas já começam a optar por destinos próximos de sua residência, que permitam o retorno rápido caso não se sintam seguras ou tenham algum tipo de problema. Nessa linha, é provável que observemos o morador de São Paulo ‘fazendo turismo’ na sua própria cidade, consumindo mais da oferta turística”, descreve o estudo, realizado pelo São Paulo Turismo (SPTuris), por meio do Observatório de Turismo e Eventos (OTE) e da Gerência de Turismo, com apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Trabalho e Turismo e do Conselho Municipal de Turismo.

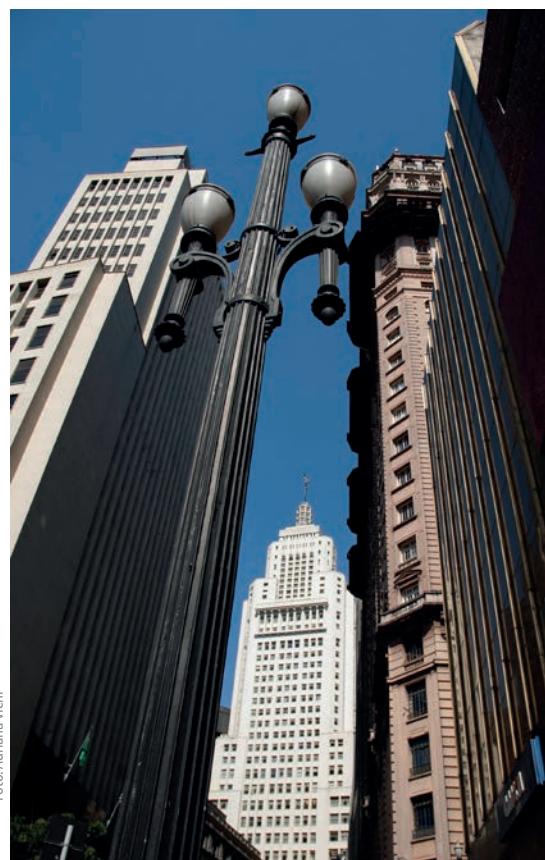


Foto: Adriana Vichi

AO REDOR

O turismo de proximidade ou aquele que fazemos no entorno do lugar onde moramos ainda revela, de acordo com Boeger, que existem inúmeros aspectos culturais que moradores podem ter ignorado por anos e que agora têm a chance de conhecer e de compreender. “Além disso, existe uma certa prudência econômica, gerada por inflação alta, aumento do custo de vida (gastos com alimentação fora de casa, combustível, entre tantos outros), em conjunto com a perda do poder de compra diante da inflação. É necessário que os empreendimentos no destino turístico adaptem seus serviços para os turistas locais, dialogando com eles e valorizando aspectos que ainda desconhecem”, explica.

Para o consultor, existem muitos programas a serem realizados, como circuitos e passeios gratuitos que vão desde conhecer a história de um parque, de um bairro, de um destino específico até um circuito gastronômico. “Os vários aspectos sobre festas populares, as heranças e os legados daqueles que nos antecederam e que explicam como progrediu a urbanização de uma área ou de um povo são de conteúdo interessantíssimo. Nos surpreendemos com tanta informação incrível que nos rodeia e que devemos nos apropriar para compreender, até mesmo, quem somos”, complementa.

CONHECER PARA PERTENCER

O Turismo de Base Comunitária, ou TBC, é outro importante exemplo de um segmento que tende a crescer. O TBC é uma atividade turística que se baseia na gestão coletiva, na transparência no uso e destinação dos recursos, e na qual a principal atração turística é o modo de vida da população local. Entre algumas iniciativas nesse setor está o

trabalho realizado pelo **Raízes Desenvolvimento Sustentável**, negócio social que desenha e implementa projetos de desenvolvimento de turismo e sua produção associada (artesanato, gastronomia, agroecologia, cultura), empoderando comunidades por meio do empreendedorismo e do associativismo, e o **Projeto Bagagem**, uma organização não-governamental que atua no fomento do Turismo de Base Comunitária no Brasil.

Fundadora e diretora do Raízes Desenvolvimento Sustentável e conselheira do Projeto Bagagem, Mariana Madureira explica que esse modelo, geralmente, privilegia o contato com a natureza e ações mais intimistas, em pequenos grupos e com interações humanizadas – características mais valorizadas após esse longo período de isolamento social. Para isso, a especialista destaca um ponto fundamental: “aos visitantes que pretendem fazer de fato o Turismo de Base Comunitária – e não só o turismo comunitário, ou na comunidade, mas o turismo que tem protagonismo da comunidade – é importante buscar informações sobre essas iniciativas e sua governança”.

Realizado pelo Sesc São Paulo, o projeto *Itinerários de Resistência* mapeou ações de TBC em diferentes regiões do estado. O resultado, disponível na plataforma do Sesc Digital [[fleia boxe Novos mapas](#)], partiu da análise de pesquisadores e de entrevistas com lideranças que ajudam a construir essa frente em suas localidades. “Dessa forma, o turismo pode realmente ser o lugar do encontro, do crescimento, da transformação do indivíduo e, como consequência, da sociedade toda”, disse Elisa Spampinato, uma das pesquisadoras que participaram desse projeto.



Foto: Lúcio Érico

O projeto *Itinerários de Resistência*, realizado pelo Sesc São Paulo, mapeou ações de Turismo de Base Comunitária em diferentes regiões do estado.



Foto: Ricardo Ferreira

Circuitos a pé realizados pelas unidades do Sesc São Paulo retomam gradualmente a programação.

OUTRA POSTURA

Hoje, portanto, nesse processo de retomada, faz-se urgente uma reflexão sobre novos rumos do turismo. Segundo o professor de Lazer e Turismo na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) Thiago Allis, é preciso uma revisão de padrões. “No momento em que vivemos restrições (*para controle da pandemia da Covid-19*), vimos o turismo de proximidade se destacar, como atividades não muito longe de casa que buscam uma interação com comunidades e que talvez não olhariam como destinos turísticos. Quando isso aconteceu, começou-se a discutir se esse modelo não poderia ser uma política a ser incentivada no lugar de olhar para o turismo pela ótica das longas viagens, do turismo de massa, de programas padronizados, de consumo exagerado”, analisa.

Enquanto o futuro se desenha, Thiago Allis acredita que o paradigma “viajar menos e para mais perto”, mesmo que não seja novo, possa servir aos turistas daqui para frente. “Olhar para essa dimensão próxima não é uma forma de substituir tanto o conceito quanto a prática de turismo convencional – esse turismo que a gente conhece e que dificilmente deixará de existir –, mas é desdobrar possibilidades. Situações urbanas muito complexas, como em grandes cidades, são estimulantes para repensar o que é o turismo e que práticas nos ensinam sobre esse novo olhar. Acho que isso revela o quanto estar curioso e atento é importante para a gente reproduzir sentidos no nosso quintal ou a três mil quilômetros de distância”, finaliza o professor. ■

(Por Maria Julia Lledó)



Foto: Adriana Vichi

DOBRAR ESQUINAS

QUE TAL ADOTAR UMA POSTURA TURÍSTICA CURIOSA, DE IMERSÃO CULTURAL E COMUNITÁRIA, MESMO SEM IR MUITO LONGE DE CASA?

ROTEIROS AFROTURÍSTICOS DO GUIA NEGRO

Plataforma digital criada em 2017, o Guia Negro faz uma produção independente de conteúdo sobre viagens, cultura negra, afroturismo e *black business*. Entre os objetivos está contar histórias, inspirar e promover experiências mais diversas e inclusivas de turismo. Conheça algumas dessas ações:

Grajaú por Nós

Parceria entre a Rede Nós por Nós e o Guia Negro, esse é um roteiro por Grajaú, distrito da Zona Sul de São Paulo, passando pelo Centro Cultural Grajaú, escadões, horta, pelo famoso Pagode da 27 e pelo Parque Linear Lago Azul. O roteiro ainda inclui um passeio de barco (cerca de 30 minutos na Represa Billings) e travessia de barca. Saiba mais: guianegro.com.br/grajau-por-nois.

Foto: Adriana Vichi

Caminhada São Paulo Negra

Organizada pela Black Bird Viagem, essa experiência começa pelo bairro da Liberdade, conhecido como japonês, mas que também tem uma história ligada à população negra. Por lá, estão marcas do período da escravização como o Pelourinho, o local em que ficava a força e o Cemitério dos Aflitos, destinado às pessoas negras e indígenas. O percurso inclui também histórias sobre personagens como o advogado, jornalista e abolicionista Luiz Gama, o arquiteto negro do século 18 José Pinto de Oliveira, conhecido como Tebas, e a escritora Carolina Maria de Jesus. O roteiro traz ainda narrativas sobre a nova migração africana e visitação da única estátua de uma mulher negra na cidade. Confira: guianegro.com.br/caminhada-sao-paulo-negra-esta-de-volta-e-desvenda-lugares-e-personagens-apagados-do-centro/



Foto: Adriana Vichi

Iniciativa Rios e Ruas

Essa ação criada pelo Instituto Harmonia, nasceu em 2010, fruto da parceria do arquiteto e urbanista José Bueno com o educador Luiz de Campos Jr. No roteiro a pé, há o reconhecimento das principais bacias hidrográficas de São Paulo e a exploração *in loco* dos rios e riachos da cidade, soterrados ou não, por meio de oficinas prático-teóricas e vivências em expedições da nascente à foz dos cursos-d'água. Dessa forma, a Iniciativa Rios e Ruas busca promover o reconhecimento das áreas intensamente urbanizadas, redescobrindo a natureza de rios soterrados por ruas e construções, e contribuir para despertar em jovens e adultos uma compreensão sobre o uso do espaço urbano, além da criação de vínculos afetivos e de pertencimento. Saiba mais:

www.mostrarioseruas.com.br/index.php.



Foto: Acervo Rios e Ruas / Divulgação



NOVOS MAPAS

RETOMADA GRADUAL DE PASSEIOS, DIVULGAÇÃO DE ACERVO DIGITAL E LANÇAMENTO DE LIVRO APONTAM PRÓXIMAS COORDENADAS PARA O TURISMO SOCIAL NO SESC SÃO PAULO

Ao lado de atividades de formato convencional, como visitas orientadas a atrativos turísticos tradicionais, o Turismo Social do Sesc São Paulo realiza oficinas, vivências e experimentações como atividades complementares de seus roteiros, buscando sempre aproximar os viajantes e os locais visitados. Assim, o viajante não apenas “vê” o local, mas vivencia suas experiências, orientado pelas comunidades visitadas, ou por especialistas, sobre os temas abordados. Segundo uma série de protocolos sanitários definidos para a segurança dos participantes e também dos profissionais e comunidades visitadas, os circuitos – passeios de curta duração realizados a pé – foram retomados em abril.

“Neste momento de retomada gradual das ações de turismo emissivo do Sesc São Paulo, nossa intenção é voltar a oferecer aos participantes experiências turísticas educativas, que propiciem os encontros e um olhar aprofundado e empático acerca dos locais visitados, sejam eles o próprio bairro ou cidade em que se vive ou regiões mais distantes, com os cuidados ainda necessários no que diz respeito à pandemia”, explica Carolina Paes de Andrade, assistente técnica do Núcleo de Turismo Social do Sesc em São Paulo.

A partir de junho, serão retomados os passeios por meio dos quais é possível conhecer a própria cidade ou alguma outra mais próxima, utilizando transporte para o deslocamento, mas com a duração de um dia. Para o segundo semestre de 2022, a previsão é de que as excursões retornem com toda segurança. Os passageiros voltarão a conhecer as belezas e os aspectos históricos, culturais e ambientais do Brasil, em viagens de dois ou mais dias.



Foto: Acervo da Agência Queixadas



Foto: Felipe Leal - ISA



Itinerários de Resistência – Quilombo Ivaporunduva

Foto: Felipe Leal - ISA



Itinerários de Resistência - Terra Indígena Tenondé Pora

Foto: Luiza Calagian

ACERVO DIGITAL

E para quem deseja viajar sem sair de casa, o projeto *Itinerários de Resistência*, realizado pelo Sesc São Paulo, e concebido em 2020 – ano que paralisou não apenas todo o setor turístico, mas que afetou, particularmente, o Turismo de Base Comunitária –, dispõe de um rico acervo digital gratuito. Ao todo, em 20 livretos virtuais, é possível conhecer um pouco mais sobre comunidades caiçaras, quilombolas, aldeias indígenas, pequenos agricultores, assentamentos de reforma agrária e comunidades urbanas no estado de São Paulo. Um material que, além de trazer histórias, é composto por vídeos, músicas e outras linguagens.

“Em um país com profundas desigualdades sociais, essas práticas realizam um esperançar, não ingênuo e não sem conflitos, mas pautado em projetos de sociedades mais justas pela prática. Uso aqui um conceito de Paulo Freire que não se refere ao esperar, mas sim a um construir ativo da esperança, coletivo: ‘é juntar-se com outros para fazer de outro modo’. A partir desses modos diversos de realizar o turismo de forma mais comunitária, este não é fim, mas um meio de amplificar existências, lutas e bandeiras sociais”, destaca Fernanda Alves Vargas, assistente do Núcleo de Turismo Social do Sesc São Paulo.

Acesse o projeto *Itinerários de Resistência* na plataforma do Sesc Digital: sescsp.org.br/itinerariosderesistencia.



Divulgação

Confira alguns destaques da programação de Turismo Social do Sesc São Paulo neste mês (As vagas são limitadas e necessitam de inscrições prévias. Consulte a unidade realizadora):

SESC CARMO

Círculo – Catedral da Sé: Mestres Paulistas, Mestres de Capela e Compositores Sacros

Neste roteiro, o público visita a Catedral da Sé a partir das perspectivas das obras dos mestres de capela e de compositores paulistas, como André da Silva Gomes, compositor do século 18, e Carlos Gomes, do século 19. O passeio tem início após uma apresentação musical que acontece no local. A visita é conduzida por Ivi Brasil, jornalista cultural, curadora independente, documentarista e mestre em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP). (Dia 03/05, terça, saída às 14h30, da Catedral da Sé)



Foto: Adriana Vichi

SESC SANTANA

Círculo – Cruzeiro: Do Tietê a Santana

A Cruzeiro do Sul dá turismo? A partir dessa pergunta, o percurso testa as possibilidades turísticas dessa avenida, antigo trajeto da estrada de ferro da Cantareira, que teve diferentes funções ao longo dos séculos. A estrada de ferro foi construída no final do século 19 para carregar o material de construção do sistema Cantareira de reservatórios de água. Logo ficou claro que servia também para transportar gente dos subúrbios da cidade que crescia. Fica também na Cruzeiro do Sul uma das memórias mais traumáticas da cidade, o presídio do Carandiru, onde foram assassinados 111 detentos em 1992. O presídio foi desativado algum tempo após o massacre, e em seu lugar foi construído o Parque da Juventude. O percurso é finalizado no parque, onde pode-se perceber não apenas os sinais do apagamento, mas também marcas da memória de um passado e um presente carcerário. Esse roteiro é coordenado por Wans Spiess e Renato Cymbalista, do Coletivo Pisa. (Dia 28/05, sábado, das 9h às 13h, da Rodoviária do Tietê)

SESC PINHEIROS

Círculo – Anhangabaú: Vale dos Sonhos, com Wans Spiess

A ideia do percurso é mostrar, por meio de várias propostas que foram elaboradas para o Vale do Anhangabaú, como os diferentes ideários sobre São Paulo se transformaram ao longo da história da cidade. Um local que esteve presente em diversos momentos ilustrativos da memória de São Paulo, desde sua época de província à condição de metrópole. Do estilo francês presente na arquitetura do Theatro Municipal ao arranha-céu em formato de prisma do Edifício CBI Esplanada. (Dia 29/05, domingo, saída às 10h, da escadaria do Theatro Municipal)

Programação completa no portal do Sesc em São Paulo: www.sescsp.org.br/turismosocial.



Foto: Adriana Vichi

VERSÃO ATUALIZADA

Lançado originalmente em inglês, em 1990, e traduzido para o português em 1996, *O olhar do turista 3.0*, de John Urry, ganhou uma nova edição revista, ampliada e comentada pelas Edições Sesc São Paulo. Os capítulos originais foram atualizados, dados e estudos ultrapassados foram excluídos, novos estudos e conceitos teóricos foram incorporados, incluindo novos capítulos que examinam o olhar do turista em relação à fotografia e à digitalização e aos vários riscos para o setor, como o aquecimento global e o pico do petróleo.

Jonas Larsen, coautor, também trouxe um novo olhar sobre a obra. Além disso, textos de Thiago Allis e Bianca Freire-Medeiros contextualizam a publicação e apresentam as relações do autor com o Brasil. Esta obra, que tem ajudado gerações de estudantes e profissionais de turismo a refletirem não somente a respeito das formas de construção da percepção dos viajantes sobre os locais visitados, mas também sobre aqueles que se pretende conhecer, apresenta discussões caras ao presente e ao futuro, e constitui um ponto de partida para uma reflexão erudita e sensível acerca da experiência da atividade turística. Saiba mais: https://portal.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/1081_PROXIMO+A+REFLEXAO#/tagcloud=lista.





curumim

O Programa Curumim contribui para o desenvolvimento integral das crianças de 7 a 12 anos, estimulando experimentações, brincadeiras, convivência e novas amizades, por meio de oficinas, vivências, jogos, passeios e atividades ambientais.

**Inscrições
a partir de 1/5**

www.sescsp.org.br/curumim



Insurgências de uma pioneira

A TRAJETÓRIA ÚNICA
DE MARIA FIRMINA
DOS REIS, FUNDADORA
DA LITERATURA
ABOLICIONISTA NO
BRASIL



Mesmo com a ausência de retratos, desenhos ou gravuras históricas de Maria Firmina dos Reis, o artista Wal Paixão se baseou na descrição de materiais encontrados por pesquisadoras para criar essa ilustração da escritora na celebração de seus 198 anos.

A identidade da primeira romancista negra brasileira, a maranhense Maria Firmina dos Reis (1822-1917), representou um mistério por muito tempo. Em vida, ao publicar nos periódicos literários da cidade de São Luís do século 19, a autora assinava seus escritos sob o pseudônimo “Uma maranhense”. Já a sua imagem atravessou décadas sendo registrada de modo equivocado – ora confundida com outras personalidades oitocentistas, como a escritora gaúcha Maria Benedita Bormann (1853-1895), ora rebatizada e, por vezes, embranquecida. As controvérsias, no entanto, não puderam reprimir a força da sua obra, reconhecida como primordial para a compreensão de um tempo e de uma sociedade que seguem ressoando no Brasil atual.

Em seu bicentenário de nascimento, a escritora e professora é tida hoje como a fundadora da literatura abolicionista no país. E ocupa, junto ao advogado, jornalista, poeta e orador baiano Luiz Gama (1830-1882) [\[Leia Perfil publicado na Revista E nº 289, de novembro de 2020\]](#), patrono da abolição da escravidão, um lugar essencial nas origens da literatura afro-brasileira. “Recuperar a trajetória de vida e o seu legado enquanto cidadã do Império e artífice da vida artística, intelectual e política brasileiras em pleno século 19 é, mais que instigante, urgente e necessário”, avalia o sociólogo Rafael Balseiro Zin, pesquisador do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

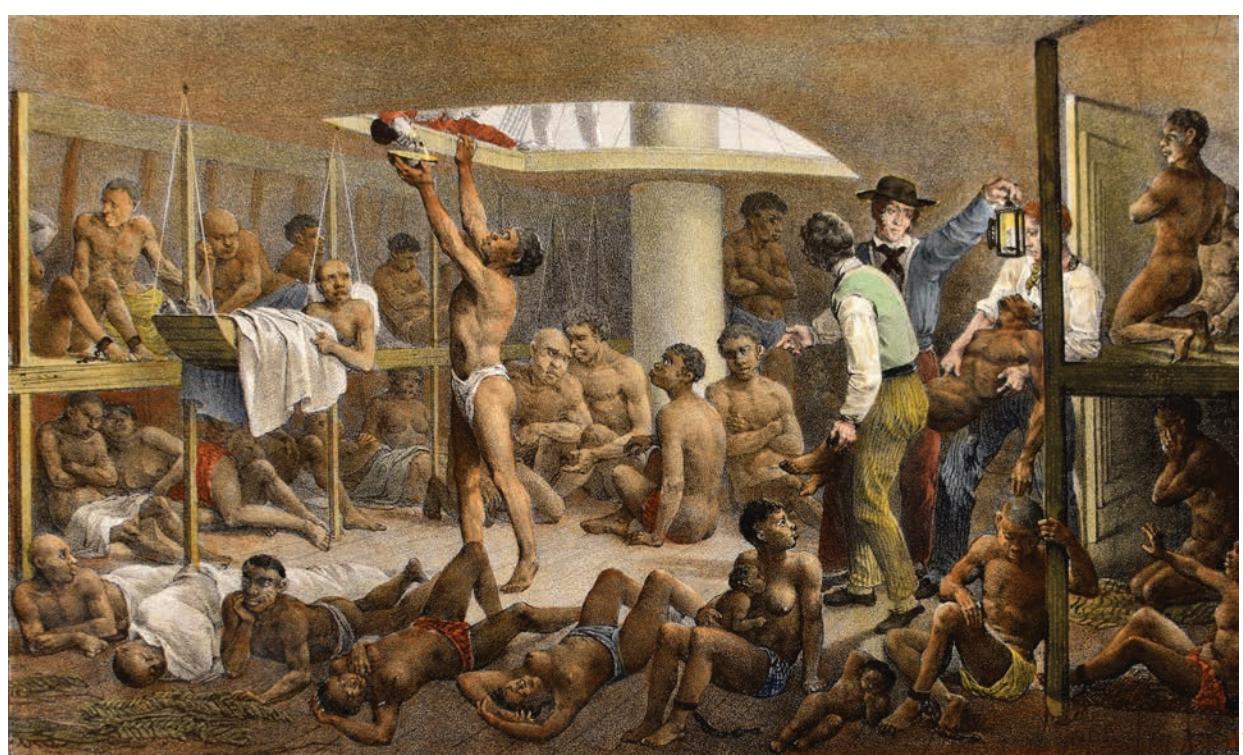
PRIMEIROS RELATOS

Maria Firmina teve uma história emblemática entre as mulheres de mesma condição – de origem pobre, filha de Leonor Felipa dos Reis, alforriada, e de João Pedro Esteves. Órfã aos cinco anos, foi educada por uma tia materna na cidade de Guimarães, no litoral do seu estado natal, em um lar onde estabeleceria os primeiros contatos com a literatura. Na juventude, exerceu o magistério e, em 1847, foi aprovada em concurso público para professora primária. Anos mais tarde, a escritora seria presença constante na imprensa literária maranhense.

Em 1880, oito anos antes da assinatura da Lei Áurea, criou a primeira escola de educação mista e gratuita do Maranhão. A ousadia causou grande repercussão na época, obrigando a professora a suspender as atividades da instituição. “Do ponto de vista literário, a primeira obra de que se tem notícia, escrita por Maria Firmina dos Reis, foi o romance *Úrsula*, publicado em 1859 em São Luís, em formato de livro, num momento em que boa parte das prosas de ficção lançadas no país era veiculada em formato de folhetim”, explica Balseiro Zin. Na obra, conforme revela o pesquisador, a escritora apresenta – de forma inédita aos leitores de ontem e de hoje – os dilemas da escravidão negra

no país, vistos a partir do entendimento das próprias personagens negras escravizadas. Perspectiva essa um tanto particular para a criação literária brasileira oitocentista e que nortearia, inclusive, os seus futuros trabalhos.

Para Roberta Flores Pedroso, pesquisadora nas áreas de Literatura, Sociedade e História da Literatura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), para esse propósito, a maranhense utilizou modelos literários disponíveis na época a fim de subverter a ideologia dominante em favor de um novo projeto estético. Um projeto em que predominasse um olhar distinto para uma literatura em formação. “Firmina apresentou figuras femininas fortes e decididas, que fizeram escolhas desautorizadas pelas vozes masculinas, situação que não correspondia aos costumes da época, nem à sociedade, tampouco às narrativas românticas. Essa insubordinação feminina inaugura uma temática até então proibida, assim como acontece em *Úrsula*, livro no qual aparece pela primeira vez o porão do navio negreiro, narrativa que conheceremos somente dez anos mais tarde, em 1869, pelo poeta Castro Alves (1847-1871)”, pontua.



Negres a fond de calle (em português, Negros no fundo do porão) de Johann Moritz Rugendas, 1830.

Domínio público

A POTÊNCIA DA ESCRITA

“Imaginem em pleno século 19, auge da escravidão, uma jovem maranhense, negra, professora e de origem humilde desbravar um espaço que era privilégio do sexo masculino? Escrever um romance do porte de *Cabana do Pai Tomás* (1852), da escritora estadunidense Harriet Beecher Stowe (1811-1896) – ícone mundial dos movimentos antiescravagistas, especialmente entre mulheres abolicionistas – que repercutiu significativamente no meio literário brasileiro, enquanto *Úrsula*, com uma temática tão similar, e mais original, não reverberou de forma crítica”, reflete Roberta Flores Pedroso.

Esta excepcionalidade surpreende pelo fato de a obra ser escrita por uma mulher negra, num país escravagista em que o público leitor pertencia à aristocracia. “Ela defendia que a escravização atrasava o progresso do país, em oposição à perspectiva escravista de José de Alencar (1829-1877), por exemplo. Firmina ultrapassa em muito os seus contemporâneos, porque demonstrou uma preocupação essencialmente distinta das diversas funções do sistema escravocrata vigente sobre a população negra, tendo como o seu ponto fundamental de atuação, a distinção entre a liberdade e a alforria, aspectos que transitam fortemente em seu romance *Úrsula* e no conto *A Escrava*, e abordado de modo banal e romantizado, como por exemplo, em a *A Escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães (1825-1884)”, complementa a pesquisadora.

LEGADO INFINDÁVEL

Para Régia Agostinho, professora adjunta do departamento de História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a herança de Maria Firmina dos Reis pode ser localizada como uma semente revolucionária entre as escritoras e intelectuais negras no país. “Firmina inicia um longo caminho da escrita feminina negra no Brasil. Talvez não tenha sido a primeira, mas foi a única que chegou ao nosso tempo, graças ao movimento negro da década de 1970, especialmente no Maranhão, do qual o seu primeiro biógrafo, Nascimento de Moraes Filho (1922-2009), fazia parte. Moraes Filho, junto com o historiador paraibano Horácio de Almeida (1896-1983), trouxe Maria Firmina dos Reis para o debate antirracista do século 20 e, no início do século 21, temos hoje esse reconhecimento da autora em diversas universidades, tanto no Brasil, como fora”, sintetiza a docente.

A obra da autora maranhense ficou esquecida da tradição literária brasileira por muito tempo. Tal cenário se assemelha ao fim da vida da escritora – Maria Firmina dos Reis morreu, cega e pobre, aos 95 anos. O romance *Úrsula*, por exemplo, até o ano de 2017, que marcou o centenário de seu falecimento, havia sido publicado no Brasil em apenas cinco edições: 1859, 1975, 1988, 2004 e 2009. Desde então, entre os anos de 2017 e início de 2022, foram lançadas 24 novas reedições, totalizando 29 versões de um mesmo livro desde a sua veiculação original. E, entre a primeira e a segunda edições, as de 1859 e de 1975, o intervalo temporal foi de 116 anos.

OUTRAS VOZES ABOLICIONISTAS

“Cada republicação do romance e trabalhos de pesquisadores circulando nacionalmente fizeram com que a produção de Maria Firmina dos Reis se tornasse mais reconhecida, inclusive entre os escritores e escritoras que tentavam construir uma tradição do romance de autoria negra no Brasil. Hoje, é possível perceber o quanto o nome e a obra de Firmina dos Reis reverberam na produção literária nacional, inclusive na criação de personagens e de histórias que retomem o passado nacional em busca de um novo olhar para esse contexto, trazendo as vozes de personagens negros para o centro das narrativas”, afirma Jéssica Catharine Barbosa de Carvalho, pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Segundo a pesquisadora, além de *Úrsula*, o conto *A Escrava*, publicado em 1887 na *Revista Maranhense*, também é fundamental para pensar os modos como a obra da escritora maranhense repercute na produção literária atual. “O conto, publicado no soar dos sinos da Abolição, transmite uma perspectiva antiescravista mais forte, afinal, alguns dos elementos de sua composição não somente retomam o que já havia em *Úrsula*, como também condenam a escravização moral e economicamente para o futuro do país”, analisa Carvalho. Assim, nomes de destaque da literatura brasileira contemporânea, como Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz, estão entre as autoras de romances que retomam o passado nacional e, com isso, fundam, aos poucos, um novo futuro, assim como o fez Maria Firmina dos Reis.

(Por Manuela Ferreira)

No tempo presente



Arquivo pessoal

"Acredito que a obra e a trajetória de Maria Firmina fomentam, hoje, a trajetória de muitas pesquisadoras negras. O meu trabalho como intelectual acadêmica, por exemplo, é constantemente impactado por seu legado: criei um site na internet no qual busquei organizar o material biográfico e bibliográfico dela e, a partir dele, eu e mais duas amigas lançamos a *Revista Firminas*: pensamento, estética e escrita, que é a primeira revista brasileira focada na produção de artistas e intelectuais negras. A *Revista Firminas* é produzida de forma totalmente colaborativa e isso em um momento em que revistas acadêmicas estão encerrando suas atividades por falta de financiamento. Eu acredito que ser pesquisadora negra no Brasil de hoje requer muito essa pluralidade, essa insurgência e esse pioneirismo tão presentes em Maria Firmina dos Reis, ela nos inspira a incentivar outras mulheres a ocuparem os espaços acadêmicos com autonomia, protagonismo e muita criatividade. E isso é muito importante."

Luciana Diogo, socióloga e pesquisadora da Universidade de São Paulo (USP)



Reprodução

"Maria Firmina dos Reis ecoa como precursora, como aquela que abriu caminhos e mostrou que era 'possível' fazer-se escritora num cenário muitíssimo mais adverso do que este experimentado por nós hoje. Nos dias atuais é muito mais fácil publicar. O desafio continua sendo o de produzir um lugar de existência no mercado editorial e fazer com que nossa obra circule."

Cidinha da Silva, autora de *Um Exu em Nova York* (Pallas, 2018), entre outros.

CRIADORAS CONTEMPORÂNEAS REFLETEM SOBRE AS MARCAS DA MARANHENSE EM SEUS PERCURSOS LITERÁRIOS E ARTÍSTICOS



Jélio Pinheiro

"A minha leitura de *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, é posterior à publicação de *Um defeito de cor*. E isso diz muito sobre o silêncio em relação ao nosso primeiro romance abolicionista de autoria feminina; e também o silêncio que se fez depois de sua publicação. A pesquisadora Fernanda Miranda fez um levantamento dos romances escritos por mulheres negras brasileiras publicados no Brasil e o número é alarmante: de 1859, ano de publicação de *Úrsula*, até 2006, quando publiquei *Um defeito de cor*, éramos apenas 11. Ou seja: em 147 anos, apenas 11 romances escritos por mulheres negras foram publicados no Brasil. Este fato, mas não apenas ele, dá a dimensão da grandeza do trabalho de Maria Firmina dos Reis, a quem reverencio e agradeço."

Ana Maria Gonçalves, escritora de obras premiadas como *Um defeito de cor* (Record, 2006), entre outras.



Joaquim Lopes

"Maria Firmina tem contribuído com o desdobrar das minhas práticas artísticas enquanto artista e artista-docente, principalmente no que se refere à representatividade negra na cena teatral e na cena pedagógica. Muito se tem falado e pensado sobre representatividade negra em muitas esferas, e, ao apresentar o espetáculo em instituições, principalmente nas escolas, eu vejo o quanto é necessário debater temáticas tão atuais que a escritora já escrevia em suas obras como: racismo, ser mulher em uma sociedade machista, educação, religiosidade, manifestações culturais e suas importâncias. São essas temáticas que abordo em meu trabalho ao falar de Maria Firmina dos Reis e ao falar de mim, mulher preta e artista. E isso reverbera de forma tão positiva e significativa no público, que se sente representado naquilo que vê. São histórias que se intercruzam."

Júlia Martins, atriz, produtora e publicitária.

Celebrar e refletir

DEBATES, ESPETÁCULOS E LEITURAS HOMENAGEIAM O BICENTENÁRIO DE NASCIMENTO DA ESCRITORA

Pensar a obra e a trajetória de Maria Firmina dos Reis a partir de uma série de atividades que reúnem artistas, escritoras e intelectuais é a proposta do projeto *Sobre Marias e Firminas: Escritas de Mulheres Negras*, em cartaz no Sesc Carmo. Confira a programação:

MESAS DE DEBATES

MARIA FIRMINA: VIDA, OBRA E REVERBERAÇÕES

Nesta atividade, a proposta é contextualizar o período no qual viveu Maria Firmina dos Reis, bem como tratar os aspectos de sua obra e reverberações. Fazem parte da mesa: Fernanda Miranda, escritora, professora adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudoeste do Pará (UNIFESSPA) e Régia Agostinho, professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). (Dia 09/05, segunda, das 18h às 20h, com transmissão ao vivo pelo [canal do YouTube do Sesc Carmo](#)).

A ESCRITA E A LITERATURA DAS MULHERES NEGRAS COMO RUPTURA E POTÊNCIA

Neste encontro, serão trabalhadas a escrita e a literatura de mulheres negras como processo de conversa com suas ancestralidades, com a ruptura do silenciamento das mulheres e com o papel político-social da escrita. Participam: Jessyka Rodrigues, assistente social e mestrandona em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), e Esmeralda Ribeiro, escritora e jornalista que, desde 1999, edita, com Marcio Barbosa, os *Cadernos negros*, entre outras publicações. (Dia 11/05, quarta, das 18h às 20h, com transmissão ao vivo pelo [canal do YouTube do Sesc Carmo](#)).

DIÁSPORA E OS DIÁLOGOS TRANSATLÂNTICOS

Esta mesa propõe o encontro entre mulheres que, entre continentes, trazem na escrita exercícios de subjetivação, de conversa, de memória e de escrita. Dela faz parte Dina Salústio (Bernardina de Oliveira Salústio), natural de Cabo Verde, ilha de Santo Antão, professora, jornalista e escritora de obras que abarcam prosa, poesia e ensaio. Ela ainda é membro fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras. Também participa Zélia Amador de Deus, artista, professora e doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA). (Dia 12/05, quinta-feira, das 18h às 20h, transmissão ao vivo pelo [canal do YouTube do Sesc Carmo](#)).



TEATRO

SOCORRO LIRA - CANTOS À BEIRA-MAR

Espetáculo de música e poesia concebido e apresentado pela compositora e cantora Socorro Lira que homenageou, em 2021, os 150 anos do livro *Cantos à Beira-mar* e que celebra, neste ano o bicentenário de Maria Firmina dos Reis. (Dia 13/05, sexta-feira, às 19h30).

MARIA FIRMINA DOS REIS,
UMA VOZ ALÉM DO TEMPO

Nesta releitura sobre vida e obra da primeira romancista afro-brasileira, Maria Firmina dos Reis, a atriz Júlia Martins traz ainda sua própria voz e a de outras mulheres e homens negros. (Dia 10/05, terça-feira, às 18h).



Foto: Joaquim Lopes

Registros precursores

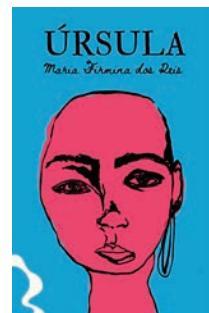
INDICAÇÕES PARA LER, ASSISTIR E ADENTRAR O UNIVERSO DA AUTORA MARANHENSE

LITERATURA

Úrsula – Marco inaugural da literatura afro-brasileira, *Úrsula*, de 1859, é o primeiro romance de autoria negra e feminina no Brasil. Em suas primeiras linhas, escreve a autora: “Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados”.

Gupeva – Conto indianista publicado originalmente no semanário *O Jardim das Maranhenses*, entre 1861 e 1862.

Cantos à Beira-Mar – Na obra, estão reunidos o conto *A Escrava*, publicado em 1887, e uma coletânea de poemas também assinados por Maria Firmina dos Reis.



Divulgação

AUDIOVISUAL

#OPoderDaNarrativa: o Brasil revisto através dos romances de autoras negras – Maria Firmina dos Reis

Série de vídeos realizada pelo Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc São Paulo que busca apresentar e analisar o corpo de romances de autoras negras brasileiras.

<https://www.youtube.com/watch?v=MHJTUWHeFnk>

SESC DIGITAL

ENCONTROS

<https://sesc.digital/conteudo/literatura/51507/maria-firmina-dos-reis-trajetoria-intelectual-de-uma-escritora-afrodescendente>

<https://sesc.digital/conteudo/literatura/14834/perspectivas-tres-escritoras-em-tres-templos-maria-firmina-dos-reis>

AULAS

Trajetórias de intelectuais negros e negras à luz dos seus contextos e em diálogo com as produções dos campos das relações raciais e da sociologia da cultura:

<https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/49117/intelectuais-negros-brasileiros-dia-1>

<https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/49122/intelectuais-negros-brasileiros-dia-2>

<https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/49121/intelectuais-negros-brasileiros-dia-3>

Vestir a cena

RESTAURAÇÃO E CATALOGAÇÃO DOS FIGURINOS DE ESPETÁCULOS
ENCENADOS POR ANTUNES FILHO PRESERVAM LEGADO DO DIRETOR
E MEMÓRIA DO TEATRO BRASILEIRO

No palco, o figurino torna-se a segunda pele do artista. Para o diretor Antunes Filho (1929-2019), criador, em 1982, do Centro de Pesquisa Teatral - CPT_SESC, os trajes cênicos eram os responsáveis por emular o imaginário necessário à criação dos personagens e da cena. “O figurino é isso, é o toque. Através da roupa que você toca é que se entra no subcutâneo, no espírito da coisa, não somente na aparência. Você está além da parte física”, disse no depoimento em vídeo *Restauro do Acervo de Figurino do Centro de Pesquisa Teatral_CPT_SESC*, disponível na plataforma Sesc Digital.

Assistente do diretor no CPT_SESC por 23 anos, o diretor, ator e produtor Emerson Danesi recorda a importância do figurino na obra e na pesquisa de Antunes Filho. “Desde o princípio dos ensaios, ele pedia para que escolhêssemos no acervo as vestes que, de alguma forma, trariam algo do universo da personagem, algo que já nos colocasse na metáfora, na poesia, na experiência dramática/dramatúrgica. Para Antunes, o figurino era como uma continuidade da pele, da alma, da energia das personagens”, conta.

Desde as cores, as texturas e as formas até a sobreposição dos acessórios etc. Cada elemento tinha seu papel, segundo Danesi. “Era bonito, também, perceber a evolução ou a transformação dessas indumentárias, saindo de um plano mais geral e caminhando para a síntese, para o detalhe que revelava cada caráter, cada personalidade. Falo do ponto de vista do ator, que estava nos processos do lado de dentro, percebendo que cada detalhe que ia surgindo na vestimenta revelava um tantinho a mais das personagens, mostrava mais uma camada, expressando a existência daqueles seres”, complementa Emerson Danesi, que também é assistente técnico do Sesc Consolação.

DO RESTAURO À PRESERVAÇÃO

A fim de preservar essa memória em costuras, sapatos e acessórios desde a criação do CPT_SESC em 2010, o Sesc Memórias concentrou esforços sobre esse acervo. O ponto de partida foi um diagnóstico que permitiu levantar informações acerca do estado de conservação dos trajes cênicos. Em seguida, foi realizado um trabalho em conjunto com o CPT_SESC nas seguintes etapas: pesquisa em documentos textuais e iconográficos; separação e identificação dos trajes; reorganização do espaço e das condições do acervo; higienização, reparos ou restauro, quando necessário; inventário; produção de registro fotográfico das peças e sua divulgação.

Em 2016, teve início a higienização e os reparos do conjunto de figurinos sob supervisão de Rosângela Ribeiro, que trabalhou como figurinista do CPT_SESC por mais de uma década. Depois, foram registrados pelo fotógrafo Bob Sousa, ao todo, 150 trajes cênicos de 13 espetáculos, compostos por 470 itens. Desse acervo fazem parte: *A Hora e Vez de Augusto Matraga*, *Antígona*, *Foi Carmen*, *Fragmentos Troianos*, *Gilgamesh*, *Medeia*, *Medeia 2*, *Nossa Cidade*, *Toda Nudez Será Castigada*, *Trono de Sangue*, *A Pedra do Reino*, *Vereda da Salvação* e, parcialmente, *Xica da Silva*. Os registros dos figurinos, além de peças gráficas (a exemplo de cartazes e filipetas), fotos de cena e relatos em vídeo do diretor e do elenco podem ser visitados, e ser material de pesquisa para o público, na plataforma Sesc Digital.

Neste ano, a segunda etapa de restauração dos trajes cênicos começou a ser realizada, desta vez sob condução do cenógrafo e figurinista J.C. Serroni – ele próprio criador de muitos figurinos do CPT_SESC. A previsão é de que seja concluída até setembro.



Ishtar, personagem do
espetáculo *Gilgamesh*
(1995).



Figurino da personagem
Xica da Silva da
montagem homônima,
que estreou em 1988.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

Elemento seminal para o espetáculo, o figurino das montagens de Antunes Filho no CPT_SESC ainda preserva a memória deste que é um dos grandes personagens da história do teatro brasileiro. “Aprendemos muito através dos ensinamentos, da memória do teatro. O teatro, como qualquer outra atividade humana, vem de um passado e vai para um futuro, então é fundamental a memória. Nós temos que ter a memória permanentemente presente para que você possa dar o próximo passo, o passo de responsabilidade”, já disse Antunes Filho.

Para a historiadora Marta Colabone, gerente da Gerência de Estudos e Desenvolvimento do Sesc São Paulo, a escolha da instituição de ter um

Centro de Pesquisa Teatral, “um local aglutinador de encontros, produções, experimentos e gerações”, também implica a preservação de suas memórias. “Preservar os figurinos dos espetáculos produzidos pelo CPT_SESC é uma forma de deixar latente o que se passou em cena; é evocar uma personagem; é conhecer técnicas e materiais de um determinado período. Enfim, é uma forma de preservação de certos elementos da cultura material e, ao mesmo tempo, as imaterialidades que ela carrega. Nesse sentido, podemos dizer que contribuímos também para a preservação das memórias do teatro e, numa perspectiva expandida, da própria sociedade”, analisa. ■

SERVIÇO

Acesse o acervo do Centro de Pesquisa Teatral - CPT_SESC:

www.sescp.org.br/acervocpt



Trajes dos cangaceiros, personagens da peça *A hora e a vez de Augusto Matraga* (1986).



Figurino da personagem
Geni, de *Toda nudez
será castigada* (2012).



Traje da personagem A Que Foi Carmen, da peça *Foi Carmen*, que estreou em 2005 no Festival de Teatro de Curitiba, depois foi apresentada no Japão e, em 2008, estreou no Teatro Sesc Anchieta.



Figurino da personagem
Sra. Webb, do espetáculo
Nossa cidade (2013).



Cardeal, Quaderna, instrumentista da Banda de Fanfarra e um dos participantes do coro no cortejo da Folia de Reis: trajes cênicos do espetáculo *A Pedra do Reino* (2006) – nomes na ordem de cima para baixo, e da esquerda à direita.



Soldado da montagem
Fragmentos Troianos, que
estreou em Istambul, em 1999,
num local próximo de onde
As *Troianas* foi concebida por
Eurípedes. A peça ainda passou
por Shizuoka (Japão) e depois
subiu ao palco do Teatro do
Sesc Anchieta.



Traje de Antígona
do espetáculo
homônimo, que
estreou em 2005.

Figurinos da montagem *Médeia* 2 (2002).







Rei Duncan, personagem de
Trono de Sangue (1992).



Figurino de personagem do
Coro de Lavradores da peça
Vereda da Salvação (1993).



A ARTE DE BRINCAR

SEJA QUAL FOR O SUPORTE E O LOCAL, ESSA AÇÃO É ESSENCIAL
PARA O DESENVOLVIMENTO E A EXPRESSÃO DAS CRIANÇAS

Jogar bola, desenhar, montar blocos, pular corda, criar histórias de faz de conta. Todas são brincadeiras de criança que atravessam gerações, mas brincar vai muito além, porque conta com recursos da imaginação. “De acordo com o conceito de brincar livre, ou livre brincar, é possível fazer uso daquilo que se tem no momento, o que está à disposição, o que é suficiente [para fantasiar e se divertir]”, explica o psicopedagogo e terapeuta social Reinaldo Nascimento.

Em meio a uma guerra ou pandemia, as crianças que lidam melhor com situações adversas são aquelas que conseguem continuar brincando, analisa Nascimento,

cofundador da Associação da Pedagogia de Emergência no Brasil, e especialista em pedagogia de emergência e do trauma, voltada ao atendimento a vítimas de violência, catástrofes naturais, guerras e outros conflitos humanos. “Brincar é sempre importante, mas, infelizmente, é algo ainda muito excluído numa situação-limite [*por ser visto como uma atividade de menor valor*]. É uma possibilidade de a criança manifestar o que está acontecendo dentro dela, de processar dores e frustrações e de dissolver tensões sem se importar com o que os outros pensam. Vale criar personagens, amigos imaginários, e até falar sozinho”, exemplifica o psicopedagogo.

Para Letícia Zero, coordenadora da Secretaria Executiva da Aliança pela Infância, rede mundial que promove a Semana Mundial do Brincar no país desde 2009, brincar é a maneira como elas se comunicam, se conhecem, exploram os ambientes, se relacionam com o mundo ao redor e também como imaginam novos mundos. “É a expressão mais genuína, autêntica e espontânea delas. O brincar é fundamental para o desenvolvimento físico, para participar da sociedade, criar a própria cultura e definir uma maneira particular de existir. É aí que está presente a liberdade e, quando isso acontece naturalmente, indica que aquela criança está vivendo em sua plenitude”, aponta.

Também há uma relação direta entre o livre brincar e a criatividade, segundo os especialistas. “Essa prática rotineira desenvolve uma série de capacidades cognitivas que vêm desse tempo e espaço em que a criança atua como protagonista. O livre brincar também deve ter um fim em si mesmo, e não servir para atingir algum objetivo, como aprender um novo conteúdo. Isso é consequência”, avalia Letícia, que trabalha há mais de dez anos com ações ligadas à promoção de uma infância digna e saudável. “Dessa forma, as crianças criam conexões, descobrem seus próprios problemas e também, por si mesmas, as soluções”, acrescenta.



O conceito de "brincar livre" ou "livre brincar" valoriza aquilo que a criança tem à sua disposição e que é suficiente para ela fantasiar e se divertir.

Foto: Matheus José Maria

BRINCAR OU JOGAR?

Para o psicopedagogo Reinaldo Nascimento, que já realizou brincadeiras em atividades com crianças em cerca de 40 países e em regiões de catástrofe ou conflito – Faixa de Gaza, Iraque, Venezuela e Brumadinho (MG) –, o verbo “brincar” em português traz uma liberdade maior do que o verbo “play”, em inglês, ou o “jugar”, em espanhol, justamente por não conter a noção de jogo, de alguém que ganha enquanto outro perde. “Brincar flui, e é para todo mundo. Claro que pode ter regras, como a amarelinha, mas nada que não possa ser mudado. Jogar, por outro lado, pode causar tensão [e competitividade]”, observa Nascimento.

O fato é que brincar é a linguagem universal da infância. “Já cheguei a vários lugares cantando em português e sempre deu certo. Nenhuma criança quis saber o que a letra

significava, às vezes até conheciam a melodia: eu apenas sorria e elas confiavam em mim e saíam do ‘esconderijo’. Amarelinha, pula-corda e parlendas como *Nós Quatro* existem em diversos lugares do planeta”, conta o terapeuta social, que leva em sua mochila de viagem cerca de 30 músicas e 200 atividades, desde as mais simples até as mais desafiadoras.

O especialista ainda compartilha que é contra a popularização da palavra “dinâmica” que, segundo ele, está na moda. “Aqui no Brasil, fala-se muito em ‘dinâmica’ e as brincadeiras estão vindo com uma explicação ao final. Sou contra esse brincar e defendo aquele que possibilita muitos caminhos, além de desenvolver criatividade, imaginação, autonomia, aprendizado e entendimento do mundo.”

SEM INTERFERÊNCIAS

O que mais preocupa o especialista em pedagogia de emergência não é uma criança com poucas atividades ou aquela com a agenda lotada – que acaba encontrando formas de brincar livremente nos intervalos –, mas sim as que precisam perguntar aos pais: “E agora, eu vou brincar de quê?”. “Se não houver nenhum risco, o adulto não deve interferir nas brincadeiras. Eles precisam confiar [na criança e no brincar], ficar por perto, oferecer suporte e estar preparados em caso de necessidade, como um imprevisto ou uma queda”, orienta Reinaldo Nascimento.

Leticia Zero, da Aliança pela Infância, complementa que há muitos relatos recentes de meninos e meninas estressados por conta do excesso de atividades dirigidas. E brincar de forma livre e espontânea, segundo ela, é um direito garantido por dispositivos como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e pela Convenção dos Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (ONU), da qual o Brasil é signatário. “Uma criança que não encontra espaço nem tempo para brincar tem seus direitos negados”, enfatiza.

REFLEXOS DA PANDEMIA

Entre os impactos do isolamento social e das restrições impostas pela Covid-19 para crianças e adolescentes [\[Leia a reportagem publicada na Revista E n° 294, de abril de 2021\]](#), estão o aumento da pobreza e da insegurança alimentar, o fechamento de escolas ou a migração para aulas online, e prejuízos na mobilidade, na rotina, na saúde mental e em direitos fundamentais como saúde, educação, moradia, liberdade e cultura. “A sociabilização ficou muito comprometida durante a pandemia.

Com o distanciamento, houve um empobrecimento das experiências do brincar coletivo. E brincar com outras crianças, seja em ruas, praças, parques ou outros espaços, é fundamental para desenvolver habilidades de relacionamento e valores de convivência”, avalia Leticia.

Para muitas famílias, foi o brincar dentro de casa que previneu doenças relacionadas à saúde mental, como a depressão. “No brincar, a criança aprende a tolerar, negociar, compreender, colaborar, lidar com sentimentos. Exerce vínculos e afetos que são importantes para lidar com a vida de forma geral”, acrescenta Leticia. ■

(Por Luna D’Alama)

Pixabay



BRINCAR COM OUTRAS CRIANÇAS, SEJA EM RUAS, PRAÇAS, PARQUES OU OUTROS ESPAÇOS, É FUNDAMENTAL PARA DESENVOLVER HABILIDADES DE RELACIONAMENTO E VALORES DE CONVIVÊNCIA

LETICIA ZERO, Aliança pela Infância

FORÇA MOTRIZ

SEMANA MUNDIAL DO BRINCAR,
NO SESC SÃO PAULO, REFORÇA
A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES
LÚDICAS NA INFÂNCIA

Desde 2013, o Sesc São Paulo participa da Semana Mundial do Brincar (SMB), ação promovida no Brasil desde 2009 pelo movimento internacional Aliança pela Infância, em parceria com a sociedade civil, o poder público e atores sociais de todo o país. Realizada de 21 a 29 de maio, a SMB coloca em pauta a importância do brincar como fundamento e expressão genuína de bebês e crianças. Nesta edição, a iniciativa traz como tema *Confiar na Força do Brincar*.

“Esse tema nos diz muito sobre apoio e segurança, dois itens essenciais nestes tempos. Confiam no brincar, porque, se há algo que podemos fazer por nossos bebês e crianças nessa retomada, é brincar com eles, mais do que nunca”, destaca Rosana Abrunhosa, assistente da Gerência de Estudos e Programas Sociais do Sesc São Paulo. “O brincar dá conta das necessidades físicas e emocionais, seja para a expressão e comunicação, seja para o desenvolvimento motor-cognitivo, e ainda para as alegrias da vida diária e as conquistas saudáveis dos seres humanos individuais e sociais que somos”, complementa.

Nesse sentido, a retomada dos Espaços de Brincar do Sesc – que existem desde 2010, sendo o mais recente na unidade de Mogi das Cruzes, inaugurada em novembro de 2021 – faz parte de um momento crucial de ressocialização de crianças de até 6 anos e de sociabilização primária de bebês que nasceram durante a pandemia, com esforços direcionados para que se criem e se recriem vínculos abalados neste período. Mas, também, para que educadores atendam a esse público com muita escuta e acolhimento. “Cuidadores e cuidadoras também têm recebido um olhar generoso, compreensivo e cúmplice desse refazer da vida, porque, afinal, todos passamos por momentos de muita fragilidade, insegurança e estresse”, comenta Rosana Abrunhosa.

Para visitar os Espaços de Brincar, basta entrar no app Credencial Sesc SP e fazer o agendamento de data e horário, ou entrar em contato com as unidades do Sesc, lembrando que o uso de máscara é recomendado tanto para as crianças quanto para os adultos e que bebês e crianças devem estar acompanhados de seus responsáveis ou cuidadores(as).

Confira alguns destaques da Semana Mundial do Brincar no Sesc São Paulo e acesse a programação completa: www.sescsp.org.br/semanamundialdobrincar.



Divulgação

SESC AVENIDA PAULISTA

VIVÊNCIA

Cadê os peixinhos do mar? – Bora brincar de puxar rede?

Essa brincadeira voltada para toda a família é uma experimentação lúdica sobre o elemento água. A partir de estímulos físicos, sonoros e sensoriais da puxada de rede, da capoeira e do samba de roda, manifestações da cultura popular afro-brasileira, busca fortalecer vínculos e desenvolver habilidades cognitivas. Com Fernando Vicente e Giuliana Maria da Umbuzeiro Arte e Cultura. (De 21 a 29/05, sexta a domingo, das 16h30 às 17h30. E dia 28/05, sábado, das 18h30 às 19h30).

SESC BELENZINHO

OFICINA

Sensibilizações dançadas para pequeninos

Destinada a crianças de até 6 anos, essa oficina tem como metáfora o voo, o pouso e a revoada dos pássaros em ações dançadas e sensoriais. A oficina será ministrada pelo coletivo Corpo Aberto, que há oito anos atua em Itaquera, Zona Leste da cidade, desenvolvendo ações culturais voltadas para crianças e mulheres da região. (Dias 21 e 28/05, sábados, das 16h às 17h).

SESC SÃO CAETANO

OFICINA

Zzzzonas de Ação

Nessa oficina ministrada pela Plataforma Panelinha, bebês, crianças e adultos são convidados a vivenciar o brincar como o exercício mais espontâneo de todas as idades. Os participantes vão experimentar a materialidade de diversos objetos inusitados, de fita crepe à bolha de sabão, e inventar jeitos de brincar. (Dias 21 e 28/05, sábados, das 11h às 12h).

SESC SOROCABA

CINEMA E BATE-PAPO

Cinedebate Terreiros do Brincar

Exibição do documentário *Terreiros do Brincar*, de David Reeks e Renata Meirelles, que retrata a participação de crianças em vários grupos de manifestações populares em quatro estados brasileiros e a relação delas com um brincar coletivo, intergeracional e sagrado. Na sequência, um bate-papo com Fabiano Maranhão, assistente técnico da Gerência de Programas Sociais do Sesc e especialista em brincadeiras africanas e afro-brasileiras, e Aretha Felício, pedagoga pós-graduada em psicopedagogia, gestão escolar e educação das relações étnico-raciais. (Dia 25/05, quarta, das 19h às 21h).



Mulheres indígenas na literatura

A oralidade é matriz de grande parte das histórias gravadas em livros. É ela que preserva, ao longo de gerações e em diferentes culturas, conhecimentos e perspectivas sobre o indivíduo e sua inserção na comunidade que habita. Entre os povos originários do Brasil, a oralidade se faz presente na escrita de mulheres indígenas que vêm abrindo espaço na literatura, principalmente, nas últimas três décadas. “A autoria indígena emerge do corpo do sujeito indígena para afirmar a identidade de povo – e tudo o que lhe envolve – no livro editorial, sem deixar de reconhecer a dinâmica ancestral de nossos antepassados que cultivaram (e cultivam) nossas culturas na oralidade”, explica a escritora Julie Dorrico, do povo Macuxi, administradora do perfil no Instagram ***Leia Mulheres Indígenas*** e curadora da I Mostra de Literatura Indígena, no Museu do Índio, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). No entanto, ainda são muitos os desafios para divulgação e reconhecimento dessas autoras. Para a professora e arte-educadora Paolla Andrade Vilela, do povo Puri, especializada em Cultura e História dos Povos Indígenas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), “ampliar essa vertente literária mostra uma variação muito importante nas temáticas abordadas nas obras, sendo registros da cultura, lutas do movimento indígena, questões pontuais de existência, resistência, demarcações territoriais literárias, cosmovisões, registros linguísticos.” Em agosto de 2021, Dorrico e Vilela participaram do projeto ***Leia Autoras Indígenas***, websérie de 10 episódios realizada pelo Sesc Ipiranga, que busca incentivar a leitura de obras indígenas e contribuir para a descolonização do imaginário carregado de estereótipos e estigmas. Neste *Em Pauta*, ambas retomam reflexões levantadas no projeto e compartilham conquistas e desafios dessa cena literária.

A Literatura Indígena Contemporânea: as mulheres originárias

POR JULIE DORRICO (MACUXI)

ALiteratura Indígena Contemporânea é um movimento político e estético que surgiu na década de 1990 no Brasil, mas também em outros países de Abya Yala. Peço licença tanto para entrar na terra das letras quanto para explicar o conceito de Abya Yala em nível continental. Se os colonizadores se apropriaram de nossos territórios e renomearam conforme seus heróis europeus, impondo-lhe o nome de América, os povos indígenas erguem-se coletivamente desde a década de 1980 para reaver o nome, para a “descolonização epistêmica e o estabelecimento de nossas soberanias ou autonomias indígenas”, como enseja o parente do povo Maya Kiché, Emil’ Keme, em seu artigo *Para que Abya Yala viva, as Américas devem morrer*, publicado na revista *Native American and Indigenous Studies*, em 2018.

Esse movimento literário surgiu de forma tímida, lutando contra as forças opressoras que buscavam extinguir as identidades indígenas no Brasil, bem como as de outros povos de Abya Yala. A autoria indígena emerge do corpo do sujeito indígena para afirmar a identidade de povo – e tudo o que lhe envolve – no livro editorial, sem deixar de reconhecer a dinâmica ancestral de nossos antepassados que cultivaram (e cultivam) nossas culturas na oralidade.

Eu tenho memórias vívidas da força das mulheres indígenas da minha família, da minha bisavó, Clarinda Raymond, e de minha mãe, Felícia Julia Dorrico, e de minhas tias. Com elas aprendi que ser macuxi é um modo de vida, é um sentimento que exala no ser, é um pertencimento à terra e uma forte conexão com a família. A literatura indígena contemporânea protagoniza esses corpos indígenas que vêm com a memória da terra para ressoar as vozes da floresta e dos povos que habitam esses territórios antes do Brasil instaurar-se e impor-se como Estado-nação. Congregando homens, mulheres e LGBTQIA+, a literatura indígena anuncia a autodeterminação, os povos originários, e a luta pela terra, uma luta antiga, para todos os coletivos, o que tem angariado leitores e parceiros interessados no tema.

TERRA DE NARRATIVAS

Divulgar a literatura das mulheres indígenas é um objetivo do nosso coletivo *Leia Mulheres Indígenas* ([@leiamulheresindigenas](#)). Gostaria de fazer um

breve percurso da força das mulheres nativas que se empenharam em lutar contra a representação nacional e única que marginalizava os corpos indígenas da literatura brasileira, implicando também na marginalização de nossos direitos políticos. Com isso, argumento que suas lutas foram fundamentais para a inscrição da presença de corpos femininos e lésbicos na terra da literatura.

Eliane Potiguara, como o próprio nome anuncia, pertence ao povo Potiguara. É poeta, escritora, palestrante e ativista dos direitos indígenas. Desde a década de 1970, enuncia poemas de resistência e de ancestralidade. Porém, só publicou o seu primeiro livro autoral no mercado editorial em 2004, *Metade cara, metade máscara* (Global). Nele podemos ver o grito sufocado da mulher indígena que quer existir, sobreviver e mais: cultivar sua subjetividade. Compartilho aqui o verso do poema *Brasil*: “Que faço com a minha cara de índia? E meus cabelos/ E minhas rugas/ E minha história/ E meus segredos?/ Brasil, o que faço com a minha cara de índia?/ Não sou violência/ Ou estupro/ Eu sou história/ Eu sou cunhá/ Barriga brasileira/ Ventre sagrado/ Povo brasileiro”. Os versos exortam o direito de existir do eu-lírico indígena sem ser reduzido à violência perpetrada pela colonização em curso. A poeta anuncia que somos mais, somos história, mulheres, mães, e mães de muitos cidadãos brasileiros. Por que ainda não podemos existir neste país e viver livremente? São ainda perguntas que este poema sussurra para mim.

Graça Graúna é escritora, poeta e pesquisadora de literatura indígena. Em 1999, publicou a obra *Canto mestizo*, mas por viver na cidade e não em uma comunidade rural, ela era vista como uma mulher não-indígena. Para lutar contra a negação da identidade indígena na cidade defendeu a sua tese, que virou livro, em 2013, afirmando que os sujeitos indígenas que viviam em contexto urbano eram negados como produtores de conhecimento, como escritores. A obra *Contrapontos da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil* (Mazza) é uma referência de grande valor para nós escritores indígenas.

Auritha Tabajara, como o nome também já antecipa, pertence ao povo Tabajara. É escritora, cordelista, poeta, contadora de histórias, palestrante e ativista dos direitos indígenas e LGBTQIA+. Em sua obra *Coração na aldeia*,



A LITERATURA INDÍGENA CONTEMPORÂNEA É UM TERRITÓRIO QUE DEMARCAMOS COM NOSSAS HISTÓRIAS OUVIDAS AO REDOR DA FOGUEIRA, OU QUE SENTIMOS NA PELE; OU QUE PODEM ADIAR O FIM DO MUNDO

pés no mundo (Uk'a Editorial) publicado em 2018, ela anuncia em verso que ama mulheres, conforme veremos a seguir: “Auritha tinha um segredo/ Que não podia contar/ Somente para sua avó/ Se encorajou a falar/ Não gostava de meninos/ E não sabia lidar”. Auritha inaugura na literatura indígena a luta também pelos direitos da mulher indígena e lésbica. Importante destacar que desde então, houve uma organização de coletivos que se empenharam em debater formas de relacionamento que vão além das normativas e opressoras, e que tais debates são acompanhadas pela autora que participa de coletivos e discute sobre o gênero em suas ações sociais, tornando-se uma importante defensora dos direitos LGBTQIA+ no nosso contexto.

MUITAS E MAIS

No Brasil, já são cerca de 40 autoras indígenas. Esse número expõe o crescimento de escritoras que buscam afirmar suas identidades de povos. Escrevendo contos e poesias, as autoras falam do pertencimento, da luta pela

terra, da identidade indígena; celebram a ancestralidade originária e ensejam a luta política que nossos corpos não podem escapar. Débora Arruda (Aranã), Lúcia Tucuju (Kamarumã), Eliane Xunakalo (Kurâ-Bakairi), Helena Indiara Ferreira Corezomae (Umutina-Balatiponé), Gleycielli Nonato (Guató) são algumas autoras que podemos citar, que tivemos conhecimento recentemente de suas obras recém-publicadas ou de suas existências.

Destaco que a literatura indígena tem sido um caminho para nossos encontros, pois no Brasil, estima-se que somos 305 povos, falantes de 274 línguas originárias. A literatura indígena contemporânea é um território que demarcamos com nossas histórias ouvidas ao redor da fogueira, ou que sentimos na pele; ainda aquelas que sonhamos e que podem adiar o fim do mundo. Autobiografia, memória, ficção... Independentemente do projeto ao qual nos empenhamos, queremos coletivamente afirmar que somos mulheres indígenas, escritoras, autoras e que, sim, fazemos literatura.

JULIE DORRICO pertence ao povo Macuxi. Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS) e mestre em Estudos Literários. É poeta, escritora, palestrante, pesquisadora de literatura indígena e ficou em 1º lugar no concurso Tamoios/FNLJ/UKA de Novos Escritores Indígenas em 2019, autora da obra *Eu sou macuxi e outras histórias* (Caos e Letras, 2019). Administradora do perfil [Leia Mulheres Indígenas](#) no Instagram; curadora da I Mostra de Literatura Indígena no Museu do Índio na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Autoras indígenas e o mundo literário

POR PAOLLA VILELA (PURI)

Toda vez que falamos ou citamos obras indígenas encontramos um equívoco relacionado ao entendimento do que seria a categoria Literatura Indígena e qual o seu papel dentro da sociedade literária. No entanto, destaca-se a máxima para a definição do que se concretiza como literatura especificamente indígena, como aquela produzida pelos sujeitos indígenas. Sendo educadora na rede pública, percebo que os livros de autoras indígenas são menos comuns do que gostaríamos, no âmbito representativo e interativo com a história do nosso país, embora a Lei 11.645 de forma clara garanta/obrigue o trabalho, em todas as vertentes educacionais, histórica e culturalmente, dos povos indígenas no território nacional. A percepção na alegação do desconhecimento ou não acesso a materiais que contemplam essas temáticas têm estimulado a apresentação de várias frentes dentro do movimento indígena, as quais contribuem para a divulgação, valorização e formação relacionadas à literatura indígena e todo o seu entendimento dentro da cultura.

A partir desse viés, o recorte de autoria e protagonismo das mulheres nesse mundo literário é destaque em trabalhos que fazem parte desse movimento para divulgar e impulsionar a leitura e a escrita da literatura indígena, como a página *Leia Mulheres Indígenas* (@leiamulheresindigenas), que faz um trabalho de curadoria e apoio às autoras indígenas de todo o Brasil. Assim, nascem projetos desses encontros como *Leia Autoras Indígenas* em parceria com o Sesc Ipiranga, no qual, a princípio, foram apresentadas oito autoras e duas oradoras em seus episódios, criando material de apoio não só para o meio educacional, como também para toda a população interessada, com possibilidade de potencializar as vozes diversas que estão presentes em guerreiras de todos os povos que se encontram no território nacional.

A importância dessas vozes e a representação das mulheres em todas as camadas sociais, e dentro principalmente dos movimentos indígenas, são cruciais para uma identificação consciente das injustiças e violências que sofrem e sofreram ao longo de todos os processos de colonização, imposição e não respeito aos seus corpos e suas ancestralidades. Reconhecendo, assim, as lutas já há muito feitas por Eliane Potiguara, Graça Graúna, Telma Taurepang, Márcia Wayna Kambeba e tantas outras que citamos e as quais apoiamos em suas trajetórias.

DEMARCAÇÕES TERRITORIAIS LITERÁRIAS

Podemos trilhar uma perspectiva mais ilustrativa quando pegamos o mercado editorial e todo o caminho feito pelo direito de existir e ser incluído na sociedade dos povos originários. Nesse sentido, Julie Dorrico tem feito um trabalho ativo em redes sociais, no meio acadêmico, em organizações de livros, materiais e pontes para pensarmos na história de colonização e no percurso que a literatura indígena teve de percorrer para alcançar o respeito em relação à autoria individual e à coletiva em seus contextos e disponibilidades iniciais até os formatos mais atuais.

As narrativas e autorias das mulheres são um movimento legítimo construído pela caminhada da já citada Eliane Potiguara, que está presente nas lutas e discussões anteriores à Constituição de 1988, marco em que os indígenas são apontados pela primeira vez como cidadãos do Brasil. Também está em Graça Graúna, em seu olhar acadêmico e



produções de poemas e textos, abrindo nossa visão para uma discussão mais voltada a essas noções de publicação, de modo a reivindicar um lugar de reflexão sobre a importância e a valorização das mulheres.

Desse modo, o ampliar dessa vertente literária mostra uma variação muito importante nas temáticas abordadas nas obras, sendo registros da cultura, lutas do movimento indígena, questões pontuais de existência, resistência, demarcações territoriais literárias (que provoco nessa linha de pensamento), cosmovisões, registros linguísticos. Ou seja, os elementos que são naturais e entendidos de acordo com cada povo, cada etnia pertencente às autoras.

São processos de crescimento, entendimento e fortalecimentos por serem pessoas da natureza, pertencentes a uma nação, identidade e que trazem a força de todas as suas ancestrais. Logo, é um momento de reconhecimento de suas potências, suas forças e, principalmente, de modificação de olhar para retirar as mazelas ligadas a seus corpos, a sua desvalorização como mulheres e a seus papéis sociais.

ESCRITAS PLURAIS

Esse movimento de diálogo se destaca devida à proporção esmagadora de narrativas ao longo da história literária constituída a partir desse viés ocidental, que tem o ponto de partida na invasão do Brasil e indica escritos portugueses como as primeiras manifestações nacionais, ou outros escritores que são reconhecidos pela mecânica do que se chama signos, formas de representação da comunicação escrita. Desse modo, é ignorado todo o percurso das nações pertencentes a esse território

A MANIFESTAÇÃO DA LITERATURA EM SUAS VÁRIAS MANEIRAS DE FIXAR EXISTÊNCIA SE TORNA UM ESTÍMULO PARA AS AUTORAS, UMA FONTE DE FLUIDEZ DOS PENSAMENTOS, FALANDO COM SUAS COMUNIDADES E FORA DELAS

e suas formas de comunicação, sendo através da oralidade, grafismos, artesanatos, pinturas rupestres ou outros nomes que vão classificar as várias formas de existir nesse processo da vida.

Por isso, a manifestação da literatura em suas várias maneiras de fixar existência se torna um estímulo para as autoras, uma fonte de fluidez dos pensamentos, falando com suas comunidades e fora delas. Assim, garante, de certo modo, as diversidades dos povos em seus pensamentos expostos, conjuntamente às características que fazem parte desse conjunto de formas da identidade, cultura e história. Além disso, a palavra, os livros, o existir nesse tempo, demarca as diferenças linguísticas que são tão pertinentes nos seus significados, permitindo abrir o olhar para essa comunicação que não é menor em sua importância, mas cujo processo de registro múltiplo mostra-se necessário para a garantia de sua existência além do formato ocidental.

Nesse viés, portanto, destacam-se como autoras que refletem sobre muitos desses processos, Graça Graúna, Linda Tuhiwai Smith, Julie Dorrocco e tantas outras que nos provocam esse movimento de quebrar as classificações. Descolonizar pode ser um processo diversificado e a escrita das mulheres indígenas garante o seio da resistência, as quais são carregadas em seus corpos, em seus escritos, em seus olhares, alegrias e dores de ser essa infinidade de formas. São nossas mães que sussurram em nossos ouvidos quando foi proibido ou vergonhoso falar sobre nossa ancestralidade. É no encontro de todas nós que a vida literária se dá, se fortalece, se permite ser tantas, validando todos os modos de ser. ■

PAOLLA ANDRADE VILELA é Puri, professora, arte-educadora, mestrandona em Artes Cênicas, especializada em Cultura e História dos Povos Indígenas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e em Educação Ambiental pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Atualmente, cursa licenciatura em Teatro na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ).

*Confira a websérie *Leia Autoras Indígenas*, composta por 10 episódios com a participação de mulheres indígenas de diferentes povos ligadas à literatura. Dentre elas, oito escritoras e duas oradoras reforçam o papel da oralidade nas culturas tradicionais e sua importância na constituição da literatura indígena. Assista no canal do YouTube do Sesc Ipiranga: www.youtube.com/sescipirangasp.

ENCONTROS

ADRIANA BARBOSA





VOZES afroempreendedoras

Foto: Marcus Steinmeyer

CRIADORA DA FEIRA
PRETA, ADRIANA BARBOSA
FALA DE CONQUISTAS E
DESAFIOS NOS 21 ANOS
DESTE QUE SE TORNOU O
MAIOR EVENTO DE CULTURA
NEGRA DA AMÉRICA LATINA

Uma das principais vozes do empreendedorismo negro no país, a gestora cultural Adriana Barbosa tinha pouco mais de 20 anos quando criou a **Feira Preta**, empreendimento que se tornou o maior do gênero na América Latina. “Quando comecei a fazer a feira eu não tinha a dimensão de no que ela se transformaria. Lembro que falava sobre o desejo de dar visibilidade à população preta que empreende e que atua na área da cultura, e as pessoas diziam: ‘Lá vem aquela menina sonhadora’”, recorda Adriana, que buscou ferramentas para concretizar esse sonho. Por esse trabalho, ela já recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais, sendo homenageada em 2017 como uma das(os) 51 negras(os) com menos de 40 anos mais influentes do mundo segundo o Mipad (*Most Influential People of African Descent*), premiação mundial reconhecida pela Organização das Nações Unidas (ONU). Hoje, a Feira Preta completa 21 anos de edições realizadas não só na cidade de São Paulo, como também em outras cidades, tendo reunido mais de 200 mil pessoas e fomentado o trabalho de mais de 1,9 mil afroempreendedores e empreendedoras. Neste *Encontros*, Adriana Barbosa fala sobre esse percurso, os efeitos da pandemia, conquistas e desafios.

PRIMEIROS PASSOS

Eu trabalhava na área de música, na gravadora Trama, e levava CD dos artistas debaixo do braço para as rádios poderem divulgar. A gravadora era pequena, mas tinha uma proposta diferente, porque tinha um *casting* artístico negro: Claudio Zoli, Caju e Castanha, Leci Brandão, entre outros. Isso me abriu um leque de possibilidades de entendimento do que é a música negra – não só o estado da arte da música, mas todo um processo de gestão para que aquela música pudesse acontecer. Depois, quando fiquei desempregada, comecei a vender minhas roupas em feiras de rua. Montei um brechó e ia fazendo as feiras e mercados alternativos, havia um *boom* de feiras. Foi nessa perspectiva de um empreendedorismo por necessidade que comecei a observar uma cena forte da cultura negra na região da Vila Madalena. No final da década de 1990, início dos anos 2000, havia muitas casas noturnas de música negra brasileira e americana, muitos jovens negros se deslocando para aquela região e muitas pessoas pretas na cadeia de produção. Só que uma coisa me intrigava: “Poxa, a gente se desloca para vir consumir essa música, essa estética, toda essa cultura, mas a riqueza que se gera a partir disso vai para os donos desses lugares, que são homens brancos”. Foi aí que, conversando com uma amiga que trabalhava na área de cinema, a gente decidiu se unir e criar a Feira Preta. O objetivo maior era dar visibilidade à população preta e gerar riqueza nas mãos das pessoas negras.

DERRUBAR BARREIRAS

Quando comecei a fazer a Feira Preta eu não tinha a dimensão do que ela transformaria. Lembro que eu falava sobre o desejo de fazer uma feira que pudesse dar visibilidade à população preta que empreende e atua na área da cultura, e as pessoas diziam: “Lá vem aquela menina sonhadora”. Idealista, zero real no bolso, mas com os olhos brilhando e querendo fazer coisas. Tinha uma questão que não era só racial, mas a intersecção de raça, gênero e idade. Com o tempo, fui entendendo que para poder fazer a feira e continuar produzindo, eu tinha que me educar. Tanto numa educação empreendedora

quanto na área da cultura, de eventos, daquilo que me propus fazer. À medida que fui me educando em diversos assuntos, eu fui, não digo ultrapassando obstáculos, mas tentando lidar com eles de maneira pragmática no meu dia a dia. Quando eu olho pra trás, quando falam dos prêmios que a Feira Preta recebeu, eu não pensava ser reconhecida e ganhá-los. Eu os entendo numa perspectiva coletiva, não individual. Quando premiam a Feira Preta, junto comigo tem muita gente, sobretudo muitas mulheres negras. É um prêmio para os empreendedores, artistas, para todo mundo que faz essa mobilização acontecer. Minha caminhada tem sido uma construção coletiva.

QUE ESSE LUGAR ONDE NOS COLOCARAM, DO EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE, POSSA SER DO EMPREENDEDORISMO POR OPORTUNIDADE

CONTEXTO SOCIOCULTURAL

Tem um contexto importante: hoje a população negra no Brasil é maioria por um processo de autodeclaração. Nas últimas duas décadas, nos Censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o percentual de pretos e pardos aumentou. Não é porque nasceram muitos negros, mas porque a gente passa a se autodeclarar. E o processo da autodeclaração vem, para mim, por três fatores importantíssimos. Um deles, pela cultura. Não vejo o processo de transformação da população negra dissociada da cultura – nas músicas dos Racionais, do Olodum, na Bahia, dos bailes funks, no Rio de Janeiro, e em outras manifestações. Muita coisa da cultura negra vem sendo produzida por coletivos e artistas, por uma cena independente e emergente de coletivos em áreas importantes, trazendo uma perspectiva racial para a produção cultural com uma qualidade estética e também com reivindicações. Esse contexto da cultura mais as ações afirmativas do movimento negro, sobretudo voltadas para a questão das cotas nas universidades, fazem com que a Feira Preta tenha um cenário importante para a sua construção. A gente começou com 40 empreendedores e mais de cinco mil pessoas (visitantes), isso sem dinheiro no bolso, fazendo comunicação de guerrilha, panfletagem – a gente deixava as filipetas na Galeria 24 de Maio, na Galeria do Rock, nas lojas e nos cabeleireiros. Então, esse contexto foi muito importante para o surgimento da Feira Preta.

ORGULHO E PRECONCEITO

Sueli Carneiro uma vez falou que à medida que a população negra ascende, mais o racismo aparece. Então, quanto mais espaços a gente vai ocupando, mais as manifestações racistas vão encontrando lugar para abafar todo esse nosso processo de emancipação. Mas a gente tem que celebrar, porque o Brasil hoje é uma referência para os países da América Latina. Seja pelos movimentos da sociedade civil que influenciam políticas públicas e a iniciativa privada de maneira sistêmica, seja pelo próprio Estatuto da Igualdade Racial [lei federal nº 12.288, que entrou em vigor em julho de 2010], e quando Gilberto Gil assumiu o Ministério da Cultura, como o primeiro ministro negro, trazendo propostas muito importantes. Tem muitos movimentos evoluindo e acho que o motivo principal vem desse processo individual e subjetivo de se declarar negro. À medida que eu me declaro, vou buscar meus direitos e ocupar mais espaços. Hoje falar de ESG [Environmental Social Governance, em português, governança ambiental, social e corporativa] é falar da questão racial. Quando se fala de governança, de investimento social privado e de mudança climática,

a gente tem que fazer esse recorte racial. Então, as mudanças estão acontecendo de forma simultânea em muitas áreas. Eu ainda tenho que passar por muitas situações de racismo para provar que estou empreendendo, mas vejo muitos avanços, por outro lado, também.

QUESTÃO HISTÓRICA

Antes, a gente só olhava para os empreendedores da população negra do ponto de vista do empreendedorismo por necessidade, que ainda é a maioria. E se você olha para os dados, a cara do empreendedorismo no Brasil é a mulher negra. Elas são maioria na categoria micro e pequeno negócio, que foram as categorias que sustentaram a economia na pandemia. Fico muito feliz quando vejo as mulheres negras falando: “Eu sou empreendedora; Eu sou empresária”, porque antes ela falava: “Só estou aqui vendendo café na porta do trem”. Tá certo que isso está ligado à precarização do empreendedorismo, mas ainda assim ela é uma empreendedora.

Além dos eventos presenciais, o Marketplace Feira Preta aproxima o público de produtos e serviços oferecidos por empreendedores do Festival Feira Preta, disponibilizados em plataforma digital.





Divulgação

É ela quem levanta às duas da manhã e prepara o café, quem vai comprar o café, quem vai fazer a planilha financeira e criar sua estratégia de comunicação. A gente glamuriza o termo e invisibiliza a história da população negra como empreendedora. Se você pensa na abolição, há 135 anos, não havia mercado de trabalho. Até então, era empreender. Por isso que mulheres negras são maioria empreendendo. Mas tudo é empreendedorismo? Não é a mesma coisa de um rapaz que é obrigado a fazer um MEI para trabalhar com *delivery*, de bicicleta, e ganhar 50 reais por dia. A gente tem empreendido há muito tempo, mas é preciso que a gente quebre o teto de vidro, que esse lugar onde nos colocaram, do empreendedorismo por necessidade, possa ser do empreendedorismo por oportunidade.

DESAFIOS DA JUVENTUDE

Pelo que percebo conversando com jovens, eles querem ser felizes e não é o trabalho que os escolhe. Na minha época, eu era escolhida pelo trabalho, era o que tinha pra mim. Já hoje, eles têm a possibilidade de escolher e essa escolha está associada a um propósito. Outra questão é que eles estão mais preocupados com causas sociais. Então, se uma empresa não tem preocupação com questões de diversidade, por exemplo, eles não se engajam. Eles preferem criar a própria empresa e quebrar a cabeça por terem mais liberdade de errar. Hoje esses jovens negros vêm de uma geração de pais que os permitem testar, experimentar e vivenciar porque conseguiram acessar

a universidade, conseguiram ter mais tranquilidade e não estar sempre sob a perspectiva da sobrevivência. Mesmo uma galera que está dentro da periferia também. Porque às vezes a gente tem uma visão de escassez da periferia e isso não é verdade. Tem uma galera que mora na periferia e que tem se desenvolvido, que o pai permite que ele ou ela possa fazer as escolhas necessárias para experimentar e errar e falar: "Não quero estar dentro de uma empresa". Então essa é uma geração mais consciente do ponto de vista da sua identidade. É essa a geração que se autodeclara negra, diferentemente da minha época. Por outro lado, tem aquilo que Sueli Carneiro falou, de quanto mais espaços ocupamos, mais o racismo aparece. E essa geração também sofre muito racismo. Dentro de casa, ela está protegida e os pais falam que ela pode ser negra, que ela pode ser maravilhosa, que ela é linda, mas quando ela vai para a rua, para o mercado de trabalho, ela escuta: "Aí você não pode." Por isso, precisamos estar atentos à dimensão da saúde mental, ao enfrentamento.

PROJETOS FUTUROS

Profissionalmente, gostaria de, talvez, desacelerar um pouco porque a gente teve que trabalhar muito mesmo. Também gostaria de trabalhar muito numa perspectiva sem fronteiras com a diáspora, o sexto território, como a gente fala. Que a gente possa colaborar com os países africanos e outros países latino-americanos. Olho para a Colômbia e falo: ela é tão parecida com o Brasil, por que a gente não faz coisas juntas? Se a gente pudesse se unir, olha a potência que seria. Então, eu adoraria que a gente pudesse não ter fronteiras, que a gente pudesse colaborar, que houvesse uma mobilidade dos artistas que quisessem fazer coisas em outros países e que outros países pudessem fazer no Brasil. Eu tenho este desejo: da diáspora africana. ■

ADRIANA BARBOSA esteve presente na reunião virtual do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 23 de março de 2022.

Assista ao vídeo deste [Encontros com Adriana Barbosa](#).

DO 13 AO 20 (RE)EXISTÊNCIA DO PÔVO NEGRO

Vivências de manifestações culturais e diálogos sobre a condição social da população negra.

Programação presencial e on-line com oficinas, bate-papos e apresentações.

**13 de maio a
20 de novembro**

Acompanhe
www.sescsp.org.br/do13ao20

DEPOIMENTO

SEBASTIÃO SALGADO

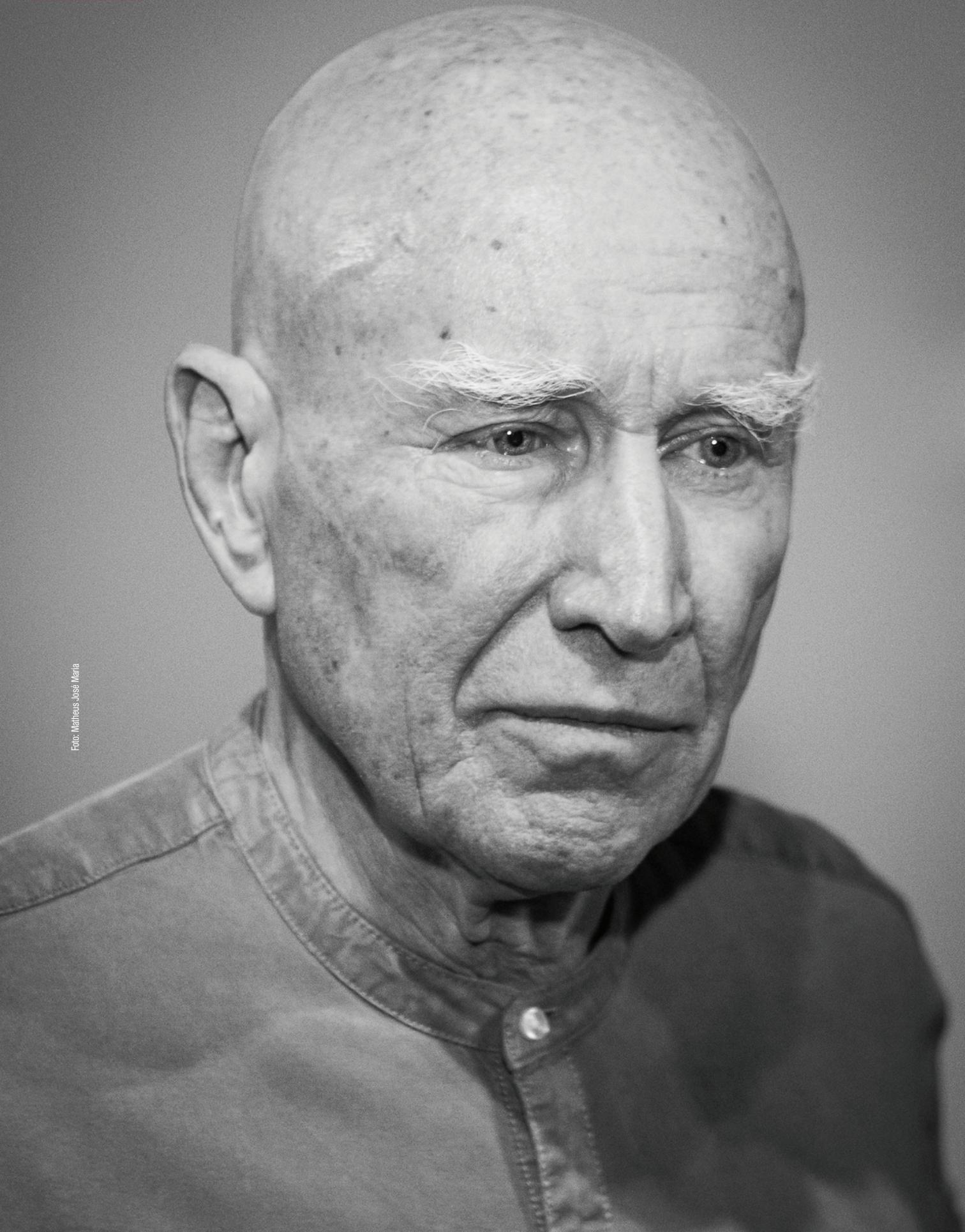


Foto: Matheus José Maria

AMAZÔNIA VIVA

RESULTADO DE VIAGENS, PESQUISAS E INTEGRAÇÃO COM COMUNIDADES
INDÍGENAS POR UMA DÉCADA, NOVA EXPOSIÇÃO DE SEBASTIÃO SALGADO
CLAMA PELA PRESERVAÇÃO DESSA BIODIVERSIDADE

A fotografia é, sem dúvida, um chamado para Sebastião Salgado. Um chamado para desvelar o que não está ao nosso alcance e, principalmente, para provocar nosso olhar tanto para a beleza da natureza quanto para os impactos ambientais gerados pela humanidade. Seu mais recente trabalho, a exposição *Amazônia* (que também resultou em livro homônimo), em cartaz no Sesc Pompeia até 31 de julho, é fruto de dez anos de sobrevoos à densa floresta tropical, de navegações pelo Rio Amazonas e por seus afluentes e de longas temporadas junto a 12 comunidades indígenas isoladas na região. “Queremos que a exposição seja uma peça dentro desse movimento de conscientização. Nós não apresentamos a Amazônia morta e destruída, a Amazônia das propriedades rurais, das áreas urbanas. Nós apresentamos a Amazônia que precisa ser preservada”, disse Salgado. Pedido também ecoado por especialistas como o cientista e pesquisador Carlos Nobre [[leia Entrevista publicada na Revista E nº 296, em julho de 2021](#)], e pelo arqueólogo Eduardo Góes Neves, professor do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, que fez consultoria para a série *Amazônia – Arqueologia da Floresta*, exibida pelo SescTV. A mostra idealizada pela curadora e cenógrafa Lélia Wanick Salgado reúne 205 fotografias inéditas no Brasil e propõe uma imersão na floresta a partir de imagens em grande formato e um universo sonoro criado especialmente pelo músico francês Jean-Michel Jarre a partir de sons originais da floresta tropical. Um convite para viajar, se surpreender e aprender com a maior biodiversidade do planeta.

PRIMEIRA CASA

Na minha juventude, naquela região [Vale do Rio Doce – MG] era tudo coberto por floresta. Tudo se fazia a cavalo. Meu pai saía da cidade com tropa – ele foi tropeiro – e vinha caminhando dentro da mata. A tropa transportando café para chegar na linha da estrada de ferro Vitória-Minas, o café que ia para exportação, e ele correndo durante 12 dias atrás de uma tropa de mulas para levar esse café. Minha região foi uma mata colossal,

um grande pedaço da Mata Atlântica que foi destruído. É o que acontece hoje com a Amazônia. Nós estamos perdendo a Amazônia. Estamos vivendo num momento de aquecimento global evidente, os cientistas provando e as evidências mostrando o mar subindo, destruindo comunidades e ainda assim, nós destruímos a maior concentração de grandes árvores do planeta. Mas, se nós agirmos juntos, nós protegeremos o bioma amazônico.

COMUNIDADES AMEAÇADAS

A Amazônia está sendo destruída pela sociedade de consumo, pela demanda de produtos – madeira, soja, carne, produtos agrícolas convenientes para o mercado, destruindo o bioma amazônico. Com isso, há uma grande desestabilização na maneira de vida das populações indígenas locais, elas estão ameaçadas. Na exposição, é possível ver o testemunho de sete lideranças indígenas e todas elas, sem exceção, falam da ameaça que vem de fora. Porém, ao mesmo tempo em que as comunidades indígenas estão sendo ameaçadas, mais organizadas elas estão. São elas que levam ao planeta inteiro a informação da ameaça e criou-se uma corrente mundial de proteção à Amazônia. Fiz uma exposição, há alguns anos, numa galeria e quando eu quis apresentar fotos da Amazônia, uma pessoa da galeria me falou: “Não, Salgado. Brasileiro não se interessa nem pela Amazônia, nem pelos indígenas”. Eu não acreditei, mas comecei a ver que antes era verdade. No entanto, hoje essa grande ameaça atual sobre a floresta amazônica, sobre as comunidades indígenas têm levado a um despertar do brasileiro em relação à Amazônia.

FENÔMENO DA IMAGEM

Não sei quantas fotos eu fiz na Amazônia porque eu vivi na Amazônia. Eu me integrei às comunidades indígenas e fotografar é um ato de integração. Você entra num fenômeno, se concentra totalmente. Você vê a construção da imagem até o ponto em que a imagem alcança aquela parábola em frente a você, você evolui dentro dela até o ponto onde tem consciência de que realizou a imagem. Aí, o processo começa a declinar, você declina junto até parar. Quando termina esse processo, você está cansado, esgotado e deita no chão para descansar. E assim foi durante sete anos viajando recentemente pela Amazônia, mas também há na exposição outras viagens que fiz por lá. Talvez tenha aí 10 anos de trabalho da minha vida: eu calculo que tenha feito em torno de 48 reportagens na Amazônia. Ela foi minha casa e é meu coração. Espero que vocês compreendam na exposição a importância dessas imagens. O que eu apresento é minha linguagem.

CURADORIA

Não fotografo demais porque não sei editar nos computadores. Eu tenho 78 anos, sou um fotógrafo de outra geração, talvez 95% do que eu já fiz na minha vida tenha sido com filme. Hoje, eu trabalho com digital. E a tendência do digital é apertar o botão bem rapidinho, fazer qualquer coisa. Mas eu não posso e não sei fazer isso. Meu assistente faz uma prancha de contato – como eu fiz a minha vida inteira – e edito as fotos (da Amazônia) com uma lupa em cima dessa prancha de contato. Antes, meus arquivos estavam num suporte plástico; hoje, meus arquivos estão num suporte eletrônico. Faço a primeira escolha das fotos e meu assistente imprime as fotografias no tamanho de cartão-postal, 13x18. No final, a gente termina com algo em torno de três a quatro mil fotografias 30x40 dentro de uma história dessa como a Amazônia. Porque, olha bem, são 10 anos da minha vida, 48 viagens para a Amazônia, isso tudo junto é que conta a história. A partir daí, dou uma primeira editada, faço uma seleção larga e, em seguida, entra a Lélia na edição.



© Sebastião Salgado

Indígena Yawanawá. Estado do Acre, Brasil, 2016.

EU ME INTEGREI ÀS COMUNIDADES
INDÍGENAS E FOTOGRAFAR É UM
ATO DE INTEGRAÇÃO

SENSIBILIZAR O PÚBLICO

Nossa grande esperança é que as pessoas, ao saírem da exposição, não sejam as mesmas que entraram. Essa é uma exposição que necessita, ao menos, duas horas plenas para visitação. Para ouvir as lideranças indígenas que falam dentro das ocas indígenas na exposição. Acho essencial que as pessoas façam atenção também a todos os textos, que leiam as legendas. Há muita informação. E os retratos, textos e projeções formam um conjunto considerável. Queremos que a exposição seja uma peça dentro desse movimento de conscientização. Essas fotografias representam a Amazônia viva. Representam a Amazônia do bioma, a Amazônia das comunidades indígenas. Nessa exposição, não apresentamos a Amazônia morta e destruída, a Amazônia das propriedades rurais, das áreas urbanas. Nós apresentamos a Amazônia que precisa ser preservada. Hoje eu acho o povo brasileiro aquele que apresenta maior preocupação com a Amazônia, algo que não acontecia antes. Acho que essa exposição que a Lélia construiu com as minhas fotografias, com todos esses colaboradores, pode levar as pessoas a desenvolverem uma verdadeira consciência da Amazônia e de proteção desse bioma.



© Sebastião Salgado

Família Asháninka. Estado do Acre, Brasil, 2016.



Foto: Matheus José Maria

Amazônia – Sebastião Salgado no Sesc Pompeia.

SERVIÇO

EXPOSIÇÃO *Amazônia – Sebastião Salgado* (Curadoria e cenografia: Lélia Wanick Salgado)

Visitação: De terça a sábado, das 10h30 às 21h (com entrada até 19h30); domingo e feriado, das 10h30 às 18h (com entrada até 16h30). Até 31 de julho, na Área de Convivência do Sesc Pompeia. Saiba mais: www.sescsp.org.br/pompeia.

AS SUBSTITUTAS

Naquele dia, quando acordei, o rosto da mãe – não o verdadeiro, que há tempos eu não via, mas aquele que só os meus olhos guardavam –, irrompeu em minha memória feito uma dor. Eu vivia há anos noutra cidade, longe, muito longe da mãe; estava habituado à tentação das lembranças e compensava a distância com a regularidade das cartas e dos telefonemas. Se não podia desfrutar de sua presença, deixava que vivesse a sua história plenamente dentro de mim. Como seu filho, único, eu lhe seguira os passos, aprendendo a mover, com as palavras, a saudade para outro lugar.

Mas, apesar das numerosas tarefas que me exigiram atenção nas horas seguintes, daquela vez, ao longo do dia inteiro, seu rosto reaparecia à minha frente, assumindo a forma de tudo o que eu mirava. A mãe, certamente, lá, do fundo de meu próprio mundo, me chamava para fora. Ela se sobreponha às camadas do meu vazio, recobrindo-o, de uma ponta a outra. E, ao fim da tarde, a ferida de sua ausência se abriu, exigindo de mim uma decisão imediata.

Era hora de revê-la, não porque se aproximava o seu aniversário, ou porque, em breve, seria Páscoa; não, não havia motivo algum que me obrigasse a ir ao seu encontro, como sempre eu fazia, embora raramente nos últimos anos. Tampouco era um aviso de minha intuição, para a qual quase nunca dava ouvidos – eu vivia resignado às incertezas! –, alertando-me, em sua linguagem obscura, que algum mal se instalara silenciosamente nela (um dia haveria de acontecer com todos nós!), e não era o meu dever, mas, sim, o meu amor, que me punha, agora, numa rota, em direção a ela.

À noite, enquanto jantava sozinho, a estranha quietude do bairro onde eu morava, irrigado por ruas nervosas e barulhentas, recordou-me a sua casa, quando, menino, no silêncio do quarto escuro, eu confundia os estalidos que, inesperadamente, espocavam do assoalho, com passos de fantasma, e corria à sua cama, transido e mudo, o coração a trovejar. Paciente, ela me acalmava, dizendo, *Não pense nisso*, e, acariciando-me os cabelos, completava, *Pense em outra coisa!* Começava a me contar histórias divertidas, que, então, ocupavam o lugar do meu medo; assim, aos poucos, fui transferindo seu ensinamento para outras instâncias da vida, colocando um pouco de sol, mesmo se pálido, acima das sombras que tomavam meu pensamento em horas de aflição.



Ilustrações: Luyse Costa

Decidi então visitar a mãe no dia seguinte; fiz uma pequena mala – duas trocas de roupa apenas –, e me deitei no sofá, diante da tevê, sem prestar atenção naquilo a que assistia, tomado pela sua força, viva, como se o seu destino estivesse ali, colado ao meu, até que o seu rosto – mundo concentrado! – foi, lentamente, lentamente, substituído pela névoa do sonho.

Acordei cedo, o dia ainda em botão, mas pronto para se abrir sem pressa, como meus olhos que, bem fechados, viam lá no fundo, de novo, as feições da mãe, mais suaves. Se pensar nela deixava de ser algo bom – mas, ao contrário, me doía –, eu, sempre fiel à ordem de suas palavras, ditas há tanto tempo, *Pense em outra coisa!*, tentei me distrair, cuidando dos preparativos da viagem. Quando me dei conta, ela saíra de minha mente – baixara às profundezas do passado, para emergir, depois, eu sabia, à consciência do instante –, enquanto eu me concentrava no ato de fechar o portão da garagem de casa, dirigir até o posto de gasolina para abastecer e, em seguida, pegar a estrada.



Durante duas horas, transitei pela rodovia quase deserta, o movimento escasso de veículos, o ritmo monótono; vez por outra, eu via lá adiante um caminhão se arrastando, feito um réptil, e logo o ultrapassava. Havia urgência em mim, mas a paisagem, em outra velocidade, abria-se devagar, à medida que os quilômetros se sucediam, as plantações de cana oscilavam ao vento, o sol se elevava no horizonte, imperceptivelmente, e, não sei por que – talvez porque tivesse acontecido num dezembro distante –, lembrei-me de uma manhã, ainda criança, quando cheguei à sala de aula e não encontrei a professora de todos os dias, mas outra. Bonita. E mais jovem. Fiquei surpreso, como meus colegas de classe. Não entendia por que aquela desconhecida estava lá – faltava tão pouco para o ano terminar! Não entendia, sobretudo, aquelas suas palavras: *Eu sou a substituta!* Substituta, a mãe me ensinaria depois, era quem ocupava o lugar de alguém ausente.

E como o caminho era longo, muitos e muitos quilômetros ainda a percorrer, fiquei de olho em outras lembranças que passavam, sem pressa, em minha mente, como as plantações de cana na estrada, os trechos de montanha, as terras aradas e, no meio delas, a mãe fulgurava, sempre do jeito que eu a via, naqueles tempos, quando voltava da escola: ela, em seu avental desbotado, com o pano de prato entre as mãos, envolta na nuvem de vapor que subia das panelas.

Então, quase ao meio-dia, cheguei à sua (minha) cidade. Não era mais a mesma dos meus olhos: a entrada, antes sem sinalização, exibia um portal e uma placa de boas vindas. As ruas, de paralelepípedos, estavam sujas de terra vermelha e fuligem de queimada. A casa da mãe, de sua vida inteira, e parte da minha, esperava-me ali, concreta, no mesmo endereço, como das outras vezes. Entrei – a porta, ela só fechava à chave na hora de dormir –, e, para não assustá-la, se me visse, de repente, como um fantasma a deslizar no assoalho, eu a chamei em voz alta, *Mãe, mãe.* Ninguém respondeu.

Fui à cozinha. Ouvi o som de descarga, água correndo na pia do banheiro, passos apressados pela sala, e a sua voz, *Filho! filho!, é você?*, aproximando-se. Virei-me e lá estava ela, a mãe, a real, com seus cabelos brancos, a curva dos lábios e a cor dos olhos que eu via em mim mesmo, quando me flagrava no espelho. *Que surpresa boa!*, ela disse e me abraçou. *Pois é, surpresa até pra mim*, eu falei. *O que deu em você?*, ela perguntou? *Nada*, respondi, *Eu vim te ver.* Ela perguntou, *Vai passar o fim de semana aqui?*, e eu, *Vou, é claro!*, e, aí, o contentamento entrou, de uma vez, em seu rosto.

Ela moveu uma cadeira e disse, *Senta, filho*, e eu me sentei à sua frente, eu desejava estar ali, com ela, e estava. Naquele momento, eu só queria dizer a ela que nada era comparável ao seu rosto entre o vapor das panelas, quando eu, ao voltar da escola, entrava na cozinha e a encontrava atrás daquele avental desbotado. Eu só queria dizer o quanto sentia a sua falta, embora ela estivesse ali, diante de mim, um dentro do outro; eu queria dizer o quanto me doía não sermos mais, como naqueles tempos, uma jovem mãe e seu filho criança.

Mas, eu não disse nada disso: eu falei da viagem, do sol, dos canaviais ondulando na estrada, do portal da cidade e das ruas empoeiradas. Falei, sem cessar, dessas coisas que existem só para a gente lembrar e, em seguida, esquecer. Falei, falei, falei, usando, em seu lugar, outras palavras. E tanto era a minha sinceridade que, lendo o rosto da mãe – eu tinha certeza –, ela estava escutando justamente aquelas que eu substituía. ■

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA é escritor. Entre algumas de suas obras publicadas estão *Aos 7 e aos 40* (2016), *Trilogia do Adeus* (2017), *Aquela água toda* (2018), *Elegia do irmão* (2019) e a mais recente *Inventário do Azul* (2022), todas pela editora Alfaguara. Suas histórias foram traduzidas para diversos idiomas, e ele já recebeu os prêmios Jabuti, APCA, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Fundação Biblioteca Nacional e os internacionais Guimarães Rosa e White Ravens.



ACOLHIMENTO MATERNO

Em sua origem, a palavra cuidado (do latim, cura) contém o sentido de preocupação com o outro, de zelo. Ação que se confirma de modo intenso e muito particular na condição da maternidade. No mês em que se celebra o Dia das Mães, como reforçar a importância de que essas cuidadoras também recebam acolhimento, escuta e tenham redes de apoio? Listamos a seguir lugares, projetos e programações na capital paulista, ou em ambiente online, voltados para o maternar, com o objetivo de ajudar grávidas e recém-mães – principalmente as que enfrentam o puerpério e as de primeira viagem – a atravessarem juntas esse momento que pode ser tão revolucionário quanto desafiador. Conheça casas de apoio, sessões de cinema, aplicativos gratuitos de celular e o projeto do Sesc São Paulo *Cuidar de Quem Cuida*, que existe desde 2018 e busca fortalecer cuidadoras(es) de bebês e crianças.



Atividade
de dança na
Casa Moara



Foto: Bia fotografia

A Lumos Cultural realiza ações periódicas de cuidado em grupos online, além de reuniões presenciais, como na imagem acima, feita antes da pandemia.

MAIS QUE MÃES, “IRMÃES”

Destinadas a amparar famílias na gestação, parto, puerpério, amamentação e infância, a Casa Curumim, a Casa Moara e a Lumos Cultural – todas na capital – migraram seus encontros presenciais para o ambiente online desde o início da pandemia. A Lumos, por exemplo, reúne grupos semanais, quinzenais ou mensais gratuitos de gestantes, “puerpério” (empoderamento no pós-parto), amamentação, alimentação infantil e parentalidade LGBTQIA+. Também faz *lives* com pediatras, doulas e obstetras, entre outros profissionais, e chegou a criar um “boletim Covid-19” para manter mães e pais informados. Já a Casa Curumim promove encontros virtuais regulares pelo Zoom, com inscrição prévia via WhatsApp, para tratar de gravidez, pediatria, desenvolvimento emocional do bebê, criação consciente, amamentação e desmame. E, às quintas, das 20h às 22h, também pelo Zoom, a Casa Moara abre suas rodas virtuais para casais em qualquer fase da gestação. Na pauta, assuntos como parto domiciliar ou na água, e aleitamento materno. Mais informações: lumoscultural.com.br, casacurumim.com.br e casamoara.com.br.

AMPARO DO PODER PÚBLICO

Mantido pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) de São Paulo, o Centro de Acolhimento para Gestantes, Mães e Bebês atende pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade social, com capacidade de até 50 vagas. Além disso, em parceria com a organização social Reciclázaro, a pasta administra a Casa de Marta e Maria, no Belém, Zona Leste, onde são atendidas até 82 mulheres com ou sem filhos. Nesse espaço, são oferecidas atividades educativas, atendimento psicológico, oficinas e rodas de conversa. A rede de proteção coordenada pela SMADS inclui, ainda, centros de referência específicos para mulheres vítimas de violência doméstica e/ou em condição de vulnerabilidade.

Saiba mais: reciclazaro.org.br/unidades/casa-de-marta-e-maria e prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social.





PELO APPLICATIVO

Para as mÃes conectadas, uma boa opção sÃo aplicativos gratuitos capazes de aproximar-las de outras mulheres que vivem experiências e rotinas semelhantes. O *MÃe Fora da Caixa*, desenvolvido pela influenciadora Thaís Vilarinho, por exemplo, é “uma rede de troca em que se podem postar coisas muito pessoais, fazer daquilo um diário da maternidade, conhecer mulheres da mesma regiÃo e se conectar com elas”, nas palavras da criadora. O app *Benditas MÃes* també funktiona por geolocalizaÃo e afinidade. Nasceu da ideia de mÃes gaúchas que sentiram a necessidade de tornar essa jornada menos solitária. Outro aplicativo é o *BabyCenter*, que fornece informações biológicas e comportamentais sobre a evolução do embrião/feto em cada fase da gestação, até o bebê completar dois anos. Além disso, é possível assinar uma *newsletter* gratuita e receber reportagens embasadas por especialistas a respeito de temas como sono, amamentação, desfralde etc. Esses aplicativos estão disponíveis para os sistemas iOS e Android.

UM RESPIRO NA ROTINA

Criado em 2008 por mulheres que desejavam retomar a vida cultural, o CineMaterna organiza sessões de cinema para mÃes e pais com bebês de até 18 meses. Os filmes são voltados para o público adulto, que pode votar pelo site na sua opção favorita, uma semana antes de cada exibição. Tudo é adaptado: as salas têm trocadores, “estacionamento” para carrinhos, tapetes em EVA para os pequenos que já engatinham ou andam, ar-condicionado mais ameno e iluminação baixa para que se possa circular com segurança. Voluntárias do projeto recebem e orientam os espectadores e, após a exibição, as mÃes se reúnem para um bate-papo e troca de experiências enquanto amamentam e cuidam das crias. Presente em 16 estados e no DF, incluindo 17 cidades paulistas, a iniciativa suspendeu as atividades presenciais durante a pandemia, mas já retornou – com uso de máscaras e de álcool gel e distanciamento entre as poltronas. É comum haver distribuição de uma cota de ingressos gratuitos meia hora antes de cada sessão, por ordem de chegada. Para conferir as estreias de maio e outros detalhes, acesse: cinematerna.org.br.



Divulgação



CUIDANDO DO CUIDADOR

Desde 2018, o Sesc São Paulo promove a ação *Cuidar de Quem Cuida*, que busca sensibilizar e inspirar indivíduos, comunidades e instituições sobre assuntos relacionados aos cuidados e aos cuidadores da primeira infância. São realizados bate-papos, vivências e debates, de forma presencial ou online, pelas unidades da capital, Grande São Paulo, interior e litoral, para que aqueles que cuidam também recebam suporte e possam exercer sua função com plenitude e corresponsabilidade. A quarta edição, que terminou em março, trouxe como tema *Políticas Públicas*. O próximo *Cuidar de Quem Cuida* deve acontecer entre setembro de 2022 e março de 2023. Consulte: www.sescsp.org.br/cuidardequemcuida.

CREDENCIAIS



OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 24 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM FAZER A CREDENCIAL PLENA DO SESC E TER ACESSO A MUITOS BENEFÍCIOS.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS:

• Funcionários empregados e desempregados:

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

No caso de desempregados, é considerado o prazo de 24 meses da baixa da Carteira Profissional, para fazer e utilizar a Credencial Plena.

• Estagiários:

Termo de compromisso ou carteira de trabalho, em que conste o número do CNPJ da empresa.

Declaração de matrícula com situação acadêmica

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

A validade da Credencial corresponde ao período de vigência do contrato de estágio, não ultrapassando dois anos, cessando o direito à renovação após a rescisão.

• Temporários:

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

• Empregado com contrato suspenso temporariamente

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Termo de acordo de Suspensão do Contrato de Trabalho

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

• Aposentados:

É o empregado que se aposentou quando trabalhava com registro em carteira profissional, em empresa do comércio de bens, serviços e turismo.

Carteira profissional atualizada (impressa ou digital)

Carta de Concessão da aposentadoria ou Cadastro Nacional de Informações Sociais (CNIS)

Documento de identidade

CPF

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

Foto 3x4 recente. Se preferir, tiramos sua foto na hora sem custo.

ATENÇÃO!

Estamos retomando de maneira gradual os serviços presenciais no Sesc. Para atendimento presencial em uma de nossas Unidades, é necessário agendar horário na Central de Atendimento. A entrada nas Unidades do Sesc é realizada mediante apresentação de comprovante de vacina contra Covid-19.

PARA FAZER PELA PRIMEIRA VEZ A CREDENCIAL

PLENA OU INCLUIR DEPENDENTES:

É necessário agendar horário para atendimento na Central de Atendimento. Faça o agendamento pelo aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br. Será necessário criar login e senha e utilizar a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO disponível no menu de serviços, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.

PARA RENOVAR A CREDENCIAL PLENA

Agora é possível fazer a renovação da Credencial Plena de maneira online, acesse o aplicativo Credencial Sesc SP ou site centralrelacionamento.sescsp.org.br para mais informações. Se preferir ir presencialmente em uma de nossas Unidades realizar este serviço, acesse a opção AGENDAMENTO > CENTRAL DE ATENDIMENTO no aplicativo Credencial Sesc SP ou no site, compareça no dia e horário marcado com a documentação necessária.

**A EMISSÃO DA CREDENCIAL PLENA É GRATUITA
E VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O BRASIL**

DE VOLTA AO "VELHO NORMAL" TURÍSTICO?

Ainda em meio à pandemia de Covid-19 (que, segundo a ciência, passará a fazer parte de nossas vidas de maneira controlada, assim como outras pandemias e endemias da história), a atividade turística está em pleno processo de recuperação dos resultados anteriores a 2020. O avanço da vacinação, a diminuição no número de mortes e contágios, a abertura das fronteiras internacionais e a flexibilização dos protocolos sanitários aqueceram a atividade e a indústria turística voltou a mostrar indicadores em alta em vários segmentos de sua cadeia produtiva, como transportes aéreo e terrestre, hotéis, atrativos e alimentação.

A retomada trouxe à tona novas, mas também (e principalmente) velhas questões. Ainda como um dos vetores de propagação da pandemia, o turismo volta a ser realizado, em muitos lugares, de maneira pouco planejada, massificada e benéfica para poucos, privilegiando pequenos grupos ao custo de trabalho precarizado, sem nada contribuir para a qualidade de vida dos residentes ou para o benefício dos próprios destinos turísticos. Para muitos (e para mim mesma) foi marcante ver a cidade de Veneza, na Itália, durante a pandemia: a diminuição do tráfego de navios de cruzeiro e outras embarcações deixou seus canais mais limpos, com águas transparentes, onde moradores afirmaram ver a volta dos peixes, os mesmos moradores que puderam caminhar por sua própria cidade com mais tranquilidade, sem o fluxo incessante de turistas, e até fazer o uso de bicicletas e de suas tradicionais embarcações em suas atividades cotidianas, impossível nos tempos pré-pandemia.

Em diferentes proporções, de Veneza à cidade de Capitólio, em Minas Gerais, a história se repetia: visitei a cidade em 2019

e, naquele ano, o turismo na região já sinalizava um crescimento acentuado, porém sem uma estrutura que considerasse o meio ambiente e a limitação na capacidade de atendimento de turistas, assim como a geração de benefícios à cidade. Os passeios se concentravam na visita ao Lago de Furnas e aos cânions, onde havia um único restaurante com capacidade para atender grupos de turistas, simultaneamente. Na rodovia, chegando à cidade, largas áreas foram expandidas para estacionar os ônibus, que ficavam enfileirados por quilômetros. O que mudou entre 2019 e 2022 nesse destino? Na região do entorno do lago, houve um crescimento do comércio, o aumento de novos atrativos disponíveis e do fluxo de turistas; mas para a cidade de Capitólio propriamente, muito pouco mudou.

Mesmo com os efeitos negativos do turismo massivo somados aos da pandemia, será que queremos retornar ao "velho normal" sem reconsiderar questões essenciais de conscientização e boas práticas de sustentabilidade em toda a cadeia que compõe o turismo, com a conservação ou a regeneração dos destinos, além do apoio às comunidades receptoras?

O Turismo Social do Sesc São Paulo retoma agora as ações já desenvolvidas antes da pandemia, dando mais relevância ao desenvolvimento de atividades desaceleradas, realizadas em grupos menores, com conteúdo pautado na educação para um turismo mais ético e solidário e uma permanente conexão e profunda parceria com as pessoas e locais visitados. ■

ROBERTA OLIVEIRA DOS SANTOS, formada em Administração de Empresas e especialista em Marketing de Produtos e Destinos Turísticos, é assistente de Turismo Social do Sesc em São Paulo.

Foto: Roberto Assem





CONFIAR NA FORÇA DO BRINCAR

21 A 29 DE MAIO

**O brincar dá conta do que é essencial
e transformador na vida da criança.**

**Consulte a programação:
www.sescsp.org.br/semanamundialdobraco**

Iniciativa



Realização



